



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA
CAMPUS RIACHO FUNDO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

RAIMUNDO JERSUALÉM MARQUES MOTA

A GEOGRAFIA DO TERRITÓRIO SAGRADO:
As práticas e os saberes associados às expressões religiosas da
Umbanda na Região Administrativa I – RA I/Distrito Federal.

Brasília, fevereiro de 2024

RAIMUNDO JERSUALÉM MARQUES MOTA

A GEOGRAFIA DO TERRITÓRIO SAGRADO:

As práticas e os saberes associados às expressões religiosas da Umbanda na Região Administrativa I – RA I/Distrito Federal.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, como requisito para obtenção do diploma de Licenciado em Geografia.

Professora Orientadora: Dra. Edilene Américo Silva

Brasília, fevereiro de 2024

Ficha Catalográfica

Mota, Raimundo Jerusalém Marques.

A GEOGRAFIA DO TERRITÓRIO SAGRADO: As práticas e os saberes associados às expressões religiosas da Umbanda na Região Administrativa I – RA I/Distrito Federal. / Raimundo Jerusalém Marques Mota; orientação Edilene Américo Silva. — Riacho Fundo, DF: 2024.
82 f.: il. color.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) — Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, Riacho Fundo, DF, 2024.

Orientador(a): Edilene Américo Silva. 1. Geografia. 2. Religiosidade de Matriz Africana. 3. Umbanda. 4. Religião e Cultura Afro-brasileira. 5. Brasília. I. Silva, Edilene Américo, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema com dados fornecidos pelo(a) autor(a)
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

RAIMUNDO JERSUALÉM MARQUES MOTA

A GEOGRAFIA DO TERRITÓRIO SAGRADO:

As práticas e os saberes associados às expressões religiosas da Umbanda na Região Administrativa I – RA I/Distrito Federal.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo I, como requisito para obtenção do diploma de Licenciado em Geografia.

Professora Orientadora: Dra. Edilene Américo Silva

Aprovado em: 08 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Edilene Américo Silva (Orientadora)
Instituto Federal de Brasília – IFB

Prof. Me. Felipe Torres do Couto
Instituto Federal de Brasília – IFB

Prof. Dr. Gilson Ciarallo
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Brasília, fevereiro de 2024

DEDICATÓRIA

Esse trabalho dedico a todos os ancestrais negros africanos, afro-latinos, afro-brasileiros, afrodescendentes e afro-indígenas por toda luta e resistência em manter viva suas práticas, culturas, saberes e expressões de suas religiosidades, base fundamental de todo processo evolutivo do Ser, enquanto espíritos vivendo em uma experiência humana na Terra.

Muito Axé! Xibat!

Em especial, dedico esta reunião de páginas aos meus pais, Izaías Gonçalves da Mota e Antonia Marques Mota, que nunca deixaram de acreditar no meu potencial. Aos meus irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, pelo apoio e incentivo. Também agradeço imensamente ao Paulo Henrique, meu grande companheiro de jornada, que sempre está do meu lado me ajudando, me ensinando e aprendendo. A todos vocês, como recompensa, lhes dou todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Ó Deus do universo, eu te agradeço por tua existência, sabedoria e misericórdia, provando, mais uma vez, através da fraternidade universal e dos espíritos de luz que escreve certo por linhas tortas, quando me concedeste a felicidade de ingressar em uma faculdade em um dos momentos mais sublimes de um Ser: a maturidade.

Senhor, muito grato!

Queria muito também poder aqui listar o nome de todos aqueles, que de alguma forma, contribuíram com o meu sucesso nesse trabalho. Mas não será necessário, posto que aqueles que me deram a mão, ao ler estas linhas, de alguma forma se manifestarão.

A todos vocês, sou muito grato.

Quero agradecer aos dirigentes das Casas de Umbanda campo desse trabalho, a acolhida, a confiança, as conversas, a disponibilidade a que me dedicaram. Sem essa abertura de vocês esse trabalho não seria possível. De igual modo agradeço aos consulentes que responderam ao questionário e que também, cada um a seu modo se colocou à disposição em conversas proíficas.

Muito grato a todos vocês!

Ainda no campo das ideias, no trabalho de campo e durante a escrita desse trabalho de conclusão de curso, nas orientações, tive momentos de plena elevação da alma, do ponto de vista acadêmico, dadas as mais saudáveis e edificantes conversas para a construção dessa pesquisa. Por essa razão, e tantas, outras igualmente importante, quero aqui expressar um agradecimento especial a minha orientadora, a Professora Dra. Edilene Américo Silva, que me conduziu nesse processo de maneira ímpar. Muito grato a você, professora. Foi muito bom tê-la do meu lado.

“Como o baobá africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações”. **(Leda Maria Martins).**

RESUMO

Neste trabalho apresento um relato com base em imersão em quatro Instituições religiosa com raiz nas práticas dos Povos e Comunidades de Matriz Africana. A hipótese é de que os Espaços Sagrados de Umbanda, possuem grande importância para as comunidades onde estão inseridas, tanto pelo papel da religiosidade, quanto pelas práticas culturais, assistenciais e de acolhimentos que desempenham nesses territórios onde esses Terreiros estão inseridos. O recorte espacial foi Região Administrativa I – RA I, do Distrito Federal com dados analisados no período de 2000 a 2023. O objetivo foi analisar o papel da religiosidade nos Espaços Sagrados de Umbanda enquanto elemento central que atrai a população aos rituais sagrados. Os passos seguintes foram divididos em mais três etapas a saber: A primeira foi desenvolver uma revisão bibliográfica, cuja análise e interpretação de fontes secundárias foram essenciais, pois, contribuíram na construção teórica e na produção de dados primários do meu objeto de estudo, como os questionários dirigidos aos representantes e consulentes e beneficiários das casas visitadas. A segunda etapa foi a pesquisa de campo, onde pude identificar cinco Instituição cujo Sagrado cultuado é a Umbanda. Com base no *software* QGIS elaborei mapas com a localização geográficas desses Espaços Sagrados. Também tive o apoio das orientações, cuja premissa foi alinhar estrategicamente o percurso da pesquisa. Por fim, na sua terceira etapa trouxe os resultados alcançados, onde pude confirmar que as práticas e os saberes associados às expressões religiosas da Umbanda na Região Administrativa I – RA I/Distrito Federal é o ponto agregador da comunidade em torno da religiosidade.

Palavras-chave: Geografia. Religiosidade de Matriz Africana. Umbanda. Religião e Cultura Afro-brasileira. Brasília.

ABSTRACT

In this work I present a report based on immersion in four religious institutions rooted in the practices of Peoples and Communities of African origin. My hypothesis is that the Sacred Spaces of Umbanda are of great importance for the communities where they are located, both due to the role of religiosity and the cultural, assistance and welcoming practices that they perform in these territories where these Terreiros are located. To carry out this research, I defined the Administrative Region I – RA I of the Federal District as a geographical area. The time frame covered the period from 2000 to 2023. The objective was to analyze the role of religiosity in the Sacred Spaces of Umbanda as a central element that attracts the population to sacred rituals. Structuring the following steps helped me significantly in this process, which I divided into three more steps: The first was to develop a bibliographic review, whose analysis and interpretation of secondary sources such as: books, scientific articles, periodicals and other printed materials and digital, were essential. These readings contributed greatly to the theoretical construction and production of primary data for my object of study, such as the questionnaires addressed to representatives and consultants and beneficiaries of the homes visited. The second stage was field research, where I was able to identify five institutions in the delimited area whose sacred worship is Umbanda. Based on the QGIS software, I created maps with the geographic location of these Sacred Spaces. I also had the support of the guidelines, whose premises were to strategically align the research path. And finally, in its third stage it brought the results achieved, where it was confirmed that the practices and knowledge associated with the religious expressions of Umbanda in Administrative Region I – RA I/Federal District is the aggregating point of the community around religiosity.

Keywords: Geography. African Matrix Religiosity. Umbanda. Afro-Brazilian Religion and Culture. Brasilia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Área delimitada da Região Administrativa I – RA I – Plano Piloto	40
FIGURA 2: Mapa de Localização dos Centros de Umbanda na RA I – Plano Piloto	41
FIGURA 3: Mapa de localização do Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória	42
FIGURA 4: Fachada e Salão do Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória	42
FIGURA 5: Ações Benéficas do CEANSG/SERENA	43
FIGURA 6: Dia de festejo no CEANSG	44
FIGURA 7: Outras ações do CEANSG	44
FIGURA 8: Mapa de localização da Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiara	47
FIGURA 9: Congá e Momentos de fé da Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiara	48
FIGURA 10: Momentos de Formação da Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiara	49
FIGURA 11: Atividade Cultural: oficina de cultura africana de Moçambique da Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiara	49
FIGURA 12: Mapa de localização do Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda	50
FIGURA 13: Vista do Congá e da fachada do Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda	52
FIGURA 14: Jardim dos Orixás – Local de devoção do Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda	52
FIGURA 15: Atividades do Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda	53
FIGURA 16: Mapa de localização da Tenda de Umbanda Nossa Senhoras das Graças – TUNGRA	53
FIGURA 17: Vista interna do terreno da Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças – TUNGRA	54
FIGURA 18: Ternário Devocional da Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças – TUNGRA	55
FIGURA 19: Vegetação e elementos sagrados da Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças – TUNGRA	55
FIGURA 20: Mapa de localização do Centro Espírita Tenda de Oxalá – CETO	57
FIGURA 21: Vistas de Casas de Força e de Cruzeiros	58
FIGURA 22: Oferendas na Casa Luz de Yorimá	59
FIGURA 23: Vista do Terreiro da TUNGRA	60

FIGURA 24: Mesa de oferendas no CEANSG	61
FIGURA 25: Você é praticante da religiosidade de Matriz Africana?	69
FIGURA 26: Antes você foi praticante de outra religião? Se sim, qual?	70
FIGURA 27: Suas origens são do Distrito Federal ou de outro Estado do Brasil? Se de outro Estado, qual?	71
FIGURA 28: Principais estados de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF, Plano Piloto, 2021	72
FIGURA 29: Você participa das atividades, festejos, práticas, rituais, atividades beneficentes oferecidas pela casa/grupo que você frequenta?	72
FIGURA 30: Você também busca assistência social e espiritual na casa de Matriz Africana que frequenta?	73
FIGURA 31: Distribuição da população por raça/cor da pele, RA I, Plano Piloto, 2021	74

LISTA E SIGLAS E ABREVIÇÕES

AGEFIS - Agência de Fiscalização do Governo do Distrito Federal
CEANSG – Centro Espírita assistencial Nossa Senhora da Glória
CETO - Centro Espírita Tenda de Oxalá
CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Governo do Distrito Federal
DF – Distrito Federal
EQ – Entre Quadra
IPHAN/DF - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional/Distrito Federal
NOVACAP - Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil
PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
PP – Plano Piloto
QGIS – Quantum – Sistema de Informações Geográfica
RA – Região Administrativa
SEDUH – Secretaria do Desenvolvimento Urbano da Habitação do Governo do Distrito Federal
SAREMA - Sociedade Assistencial Recanto da Mãe Jurema
SES - Setor de Embaixadas Sul
SINAPIR – Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial
SIRGAS - Sistema de Referência Geocêntrico para a América do Sul
SGAN – Setor de Grandes Áreas Norte
TUNGRA - Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças
UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UTM - Universal Transversa de Mercator

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
LISTA E SIGLAS E ABREVIÇÕES	11
PRÓLOGO	14
INTRODUÇÃO	16
SEÇÃO I – CONTEXTUALIZAÇÃO	17
1.1 Justificativa	19
1.2 Hipótese	21
1.2.1 Delimitação do recorte espacial e temporal	22
1.3 Objetivo	22
1.3.1 Objetivos Específicos	22
SEÇÃO II - REFERENCIAL TEÓRICO, METODOLOGIA E CONCEITOS	23
2.1 Metodologia	23
2.2 O Referencial teórico: alguns apontamentos	25
2.2.1 Território, territorialidade e espaços sagrados da Umbanda	25
<i>2.2.1.1 Território e Territorialidade: o Terreiro</i>	<i>30</i>
<i>2.2.1.2 Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana em Brasília: identidade religiosa</i>	<i>31</i>
<i>2.2.1.3 A Geografia do território sagrado: a tradição</i>	<i>34</i>
SEÇÃO III - AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS DOS UMBANDISTAS NA RA I, PLANO PILOTO/DISTRITO FEDERAL	37
3.1- Elementos identitários dos grupos religiosos de Umbanda na RA I, Plano Piloto/Distrito Federal: características e elementos comuns e convergentes	38
3.2- Sobre os Espaços Sagrados Estudados	39
3.2.1 Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória – CEANSG	41
3.2.2 Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiara	46
3.2.3 Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda	50
3.2.4 Tenta de Umbanda Nossa Senhora das Graças – TUNGRA	53
3.2.5 Centro Espírita Tenda de Oxalá – CETO	56
3.3- Elementos identitários e convergentes: as práticas assistenciais e culturais	57

3.3.1 Os festejos, as ações culturais associadas à assistência espiritual e religiosa	62
3.3.2 Os saberes associados	63
3.4- Umbanda	65
3.4.1 O sincretismo e a intolerância religiosa	67
3.4.2 O Recorte Racial e Religioso	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERENCIAS	77

PRÓLOGO

Nasci em um berço familiar onde as práticas, os saberes, as expressões culturais e religiosas exalavam a cada exemplo, ensinamento e atividade do cotidiano. Caso as tarefas do dia estivessem ligadas a plantio, lá estavam essas práticas e técnicas ancestrais sendo aplicadas em meio ao cantarolar de rimas, romances e histórias, nas quais eu diria “épicas” para mim e meus irmãos que parávamos para ouvir o repertório de meu pai.

As expressões culturais do meu pai, que variavam entre linguagens e formatos, se mostravam também nas suas histórias contadas. Em meio a sua prole, ele mostrava como saborear as frutas da época, desde o manejo do corte até o tratamento e o replantio das sementes. Cotidianamente nos ensinava sobre a vida, sobre a natureza, o respeito às pessoas e ao trabalho.

Com minha mãe a situação era ainda mais acentuada, especialmente no que diz respeito a diversidade de expressões advindas dessa ancestralidade. As atividades domésticas eram mais leves em meio às repetidas vezes em que entoava as composições autorais e de anônimos da época de sua infância. Ao lavar roupas, fazer comida, em uma roda de conversas e até mesmo nos embalar quando enfermos, eram nesses momentos que a sua criatividade artística e cultural, embebida na ancestralidade, mudava a energia de quem estava a sua volta.

Muito embora, sejamos uma família de fenótipos brancos e que, apesar de meus pais não possuírem, a menor ideia do que seja isso seja, temos ligações muito enraizadas com a cultura afrodiáspórica¹. Pois, em nossas vidas era comum aprender algo que vinha da cultura afro-brasileira.

Professando a fé católica, meus pais não compreendiam, que o sincretismo cultural existente entre a cultura dos povos originários do Brasil e os africanos escravizados trazidos para cá era um elo fundamental em nossas vidas. E também, por várias razões, não entendiam o apagamento cultural ao longo dos séculos que a cultura hegemônica promovia.

Logo, a religião católica foi a base no processo educativo baseado em princípios dogmáticos e voltados ao respeito ao próximo, à convivência pacífica e até mesmo as atribuições e responsabilidades em casa. Até certo grau, as experiências aprendidas passavam pelos ancestrais afroindígenas. Isso tinham também, naturalmente, o traço europeu, mas era subutilizado, menos no que se referia a assumir, por várias razões, o catolicismo como religião.

Hoje, reconhecidas como Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN/DF, a cultura e expressões da religiosidade dos Povos e

¹ Refere-se a difusão da cultura dos povos africanos por meio da migração forçada. Para saber mais acesse: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6663/5539>. Último acesso em: 06 out 2023.

Comunidades de Matriz Africana, fizeram parte de minhas experiências de vida. Razão pela qual aprendi a valorizá-la, respeitá-la e difundi-la de maneira a preservá-la, mas entendendo que as culturas são dinâmicas. Então, diferente de meus pais, consigo reconhecer o sincretismo como um exemplo desse processo, em que os Espaços Sagrados são o elo entre as demandas que entrelaçam as culturas, as vivências e as pessoas.

Esses lugares de culto, em suas múltiplas denominações e ao dispor das ações de alcance social e cultural de seu corpo seus adeptos concorrem, em síntese, para a criação, consolidação e preservação de representações que os qualificam ao tempo em que desempenham práticas culturais capazes de 15orna-los referências importantes do patrimônio religioso e cultural – imaterial e material [...]. Em resumo, neles se dão a partilha de visões de mundo, de princípios éticos, códigos doutrinários, práticas devocionais, saberes e fazeres ritualísticos, todos esses traços identitários capazes de radicar suas experiências e afirmar sua singularidade em nossa sociedade (IPHAN/DH, 2012 P. 10).

Para alcançar os resultados que almejo neste trabalho foi fundamental percorrer e revisitar algumas práticas já experimentadas. As perspectivas são de proporcionar melhores formas de observar, aceitar, conviver e compartilhar de práticas, vivências ancestrais e pessoais, com as quais posso aprender e dividir esses conhecimentos com outros. Para tanto proponho que a seguir ao desenvolver passos que serão sistematizados, possam ajudar sobremaneira a alcançar êxito.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso o objetivo é analisar o papel da religiosidade nos Espaços Sagrados de Umbanda enquanto elemento central que atrai a população aos rituais sagrados. Mas também sendo esses espaços representativos de um território significado pelas práticas, festejos, ações culturais e sociais. Além de acolhimento espiritual para aqueles onde as comunidades estão inseridas, sendo também a razão orientadora de nossa hipótese.

Para alcançar esse propósito inicialmente fiz a análise dos dados existentes em órgãos públicos, instituições acadêmicas e de pesquisa relevantes à discussão. Formulei, algumas questões tanto aos dirigentes quanto aos frequentadores das Casas visitadas. Observei a itinerância dos atores nesse processo, realizei registros fotográficos e contei com o acervo próprio das instituições. E todo esse trabalho foi sistematizado a partir das conversas que desenvolvi com a orientadora.

Estruturei esse estudo em três sessões a saber. Na primeira, construí um referencial teórico; na segunda etapa a discussão trouxe elementos da religiosidade de maneira singular por meio dos conceitos de Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e da Umbanda, ademais, nesse diálogo visitei as categorias geográficas Território, Territorialidade e Terreiro, além de Tradição.

Já na terceira fase, apresentei o desenvolvimento da pesquisa e uma discussão sobre os resultados obtidos. Tive a confirmação de que as práticas e os saberes associados às expressões religiosas são pontos agregadores das comunidades da Umbanda na Região Administrativa I – RA I/Distrito Federal.

SEÇÃO I – CONTEXTUALIZAÇÃO

Para alguns, o Plano Piloto de Brasília, administrativamente chamada de Região Administrativa I – RA I, apesar da eminente profusão cultural e de grandes espaços culturais existentes, ainda não tem sua própria identidade enquanto território cultural. Para Santana (2016, p. 29) a cultura local é “diversificada, plural e [está] em construção”. E, segundo Stuart (2006, p. 12) “o próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável (...), (...) transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados (...) nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

A princípio Brasília, à época de sua construção, iniciada em 1956, por determinação do então Presidente da República Juscelino Kubistchek, as pessoas que aqui se instalaram eram oriundas de todo o território brasileiro em busca de melhores condições de trabalho e de vida. Mas, sua história tem início em 1892 com a criação da Comissão Exploradora do Planalto Central, mais conhecida como a Missão Cruls², em razão de Louis Cruls, geógrafo belga e chefe daquela comissão, e foi proposta pelo então presidente do Brasil Floriano Peixoto.

O Bioma Cerrado, localizado em parte na região Centro-Oeste brasileira, onde Brasília está localizada é também chamado de berço das águas do Brasil³ e, ocupa uma vasta extensão territorial que vai desde os limites da floresta de araucária, no estado do Paraná, na Região Sul, até os limites com a Floresta Amazônica, na Região Norte, com a Caatinga, na Região Nordeste, e com a Mata Atlântica, na Região Sudeste.

Por sua grande extensão e importância ao contexto brasileiro, não é possível abranger todo esse território para fins de análise do presente estudo. Por essa razão, limito-me apenas ao território brasileiro da Região Administrativa I. Esse nome deve-se ao projeto arquitetônico originário desenhado por Lúcio Costa, urbanista e criador de Brasília.

Encravada no Cerrado brasileiro, Brasília, hoje, no auge dos seus 63 anos de fundação, abriga uma representatividade da diversidade do povo brasileiro e de outras nações, com suas línguas, seus sotaques, seus hábitos, suas expressões culturais e sua religiosidade. Essas características serão importantes para a análise deste trabalho.

² A Missão Cruz foi a Comissão organizada pelo Imperador do Brasil com intuito de demarcar no Planalto Central onde seria instalada a futura Capital do País. Fonte: <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not02.asp>. Acesso em 12 jul. 2023.

³ O bioma cerrado, parte localizado no Planalto Central do Brasil é chamado de Berço das Águas, em razão de sua confluência para a formação das três maiores bacias hidrográficas do Brasil. Para saber mais acesse: Cerrado Berço das Águas. <https://ispn.org.br/biomas/cerrado/berco-das-aguas/>. Último acesso em: 12 jul. 2023.

Apesar desse contexto sociocultural, é importante ainda desenvolver estudos que busquem evidenciar a importância das práticas, dos saberes e dos rituais sagrados dos Povos e Comunidades de Matriz Africana. Sem pretensões, indico aqui àqueles que buscam entender as comunidades onde esses povos estão inseridos, que busquemos analisar as ações desenvolvidas no que se refere aos seus festejos e as suas atividades culturais e assistenciais. Nesse diálogo trago a ideia de Calgare; Souza; Sparemberger (2021, p. 226) que vai chamar de “cegueira deliberada” o não reconhecimento das raízes espírito-culturais a qual estamos vinculados:

(...) apesar de sabido por todos, essa realidade se assemelha com uma cegueira deliberada, porquanto, o não reconhecimento de que raízes espírito-culturais do universo litúrgico em que vive o indivíduo, conforme suas balizas tradicionalmente religiosas, exerce influência em sua forma de viver, é desconsiderar que o universo de valores socioambientais e culturais de uma determinada religião, estabelece fundamentos orientadores que acabam, por maioria de vezes, influenciando seus adeptos e determinando a forma como estes se relacionam com o meio (CALGARO; SOUZA; SPAREMBERGER, 2021, p. 226).

Por conseguinte, além de traduzirem-se em uma rica história, as práticas acima mencionadas fomentam àquela e outras gentes com seu legado ancestral e próprio dos nativos da região Centro Oeste. A exemplo, tem-se que os povos originários do Brasil, ou vindos dos mais diversos rincões do continente cuja identidade cultural revele sua ancestralidade de Matriz Africana. Segundo a Companhia de Planejamento do Governo do Distrito Federal (CODEPLAN) (2015, p. 6), “o Brasil é um país multicultural, graças ao patrimônio cultural dos diversos grupos sociais formadores da sociedade nacional, dos quais se destacam os negros africanos e os indígenas nativos das terras brasileiras”.

Nesse sentido, com base nos conceitos da Geografia, pretendo apresentar como resultado uma discussão sobre a origem e manutenção dos grupos de Umbanda na Região Administrativa I, e que, com base nos conhecimentos ancestrais e expressões de sua religiosidade, exercem seus hábitos, seus rituais, e de que maneira esse conhecimento é repassado às gerações presente e futura.

O intuito do presente trabalho é contribuir para que os grupos que professam a sua fé, em religiões de matriz africana, saiam da invisibilidade. Busco ainda que esse estudo acadêmico possa atenuar os estereótipos e preconceitos que recaem sobre esses povos em relação às suas práticas, pois acredito que todas as manifestações que emanam de um povo são a sua identificação uma vez que “a diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade” (UNESCO, 2005).

A valorização da diversidade cultural pelo respeito enriquece e beneficia a sociedade, diferentemente do preconceito que a deprecia. Afinal, as culturas são formadas a partir da diversidade dos povos, que segundo nos esclarece Cohn (2021, p. 36) “(...) é um processo que [...] designa as particularidades das populações (...)”. Nesta linha de argumentação, essa diversidade precisa sair da invisibilidade e ter o reconhecimento. Afinal, no atual “contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública” (UNESCO, 2002).

1.1 Justificativa

Desde a chegada dos colonizadores europeus ao continente sul-americano, o Brasil tem recebido e abrigado pessoas com diversas culturas e religiões. No curso da história observa-se que a fusão desses elementos culminou no estabelecimento de uma cultura nacional com variações nas “suas linguagens, suas técnicas, artefatos, alimentos, costumes, mitos, padrões estéticos e éticos”⁴. Tem-se como resultado a transformação do Brasil em um celeiro cultural.

Hoje, Brasília, uma cidade estabelecida em território de modestas proporções, percebemos com facilidade a presença de brasileiros de todo o país. Some-se a esses, cidadãos de inúmeras nações aqui representadas em cores, línguas, hábitos e crenças, que segundo Ferreira, G. (2017, p. 61) são expressões que nos ajudam a refletir sobre quem somos, pois é:

(...) a cultura local, a cultura de diversos grupos que caracterizam o país e a cultura de outras nações, para que tenhamos uma visão geral e específica de quem somos, de refletirmos sobre nossas práticas e sermos conscientes do nosso papel, na nossa construção enquanto seres humanos e sociais (FERREIRA, G., 2017, p. 61).

Essa situação que, ao modo de cada um, são evidenciadas de maneira intercultural e que evidencia que nesse território, são supridas suas atuais necessidades econômicas, sociais, políticas e culturais. Assim, as expressões dos Povos e Comunidades de Matriz Africana trazem em si grande riqueza cultural.

Dessa forma, essas expressões ricas e constitutivas de nossa identidade nacional não tiveram o respeito e reconhecimento como elemento central no processo de formação cultural brasileira, embora muitas vezes festejemos, brinquemos e participamos desses ritos.

E, neste diálogo, Tuan (1983, p. 203) indica que a nossa interação e conhecimento com

⁴ Padrões que faz algo tornar-se uma cultura. Para saber mais acesse: Cultura. [https://www.aulete.com.br/cultura#:~:text=s.%20f.%20%7C%7C%20a%C3%A7%C3%A3o%20ou%20maneira,%7C%7C%20\(P.](https://www.aulete.com.br/cultura#:~:text=s.%20f.%20%7C%7C%20a%C3%A7%C3%A3o%20ou%20maneira,%7C%7C%20(P.) Último acesso em: 22 nov 2023.

essas expressões culturais de matriz africana fizeram-se de (...) “experiências, em sua maior parte, fugazes e pouco dramáticas”. Então, é preciso conhecer e fazer conhecer mais a respeito desses povos, suas tradições e culturas para que assim, as assimilamos como parte de uma unidade cultural nacional.

Posto isso, tentar entender esse fato, também faz parte do presente estudo. Essa pode ser uma estratégia eficaz no processo de difusão do conhecimento e da formação das existências dos povos e da cultura ancestral de Matriz Africana. Meu intuito é contribuir com a compreensão e a aceitação das diferenças nos diversos graus de discussão.

É importante registrar que o recorte espacial de análise dessa pesquisa é o Plano Piloto. Segundo Pereira (2006, p. 26), em Brasília há poucas “manifestações culturais e tradicionais” religiosas. Entretanto, há muitos [...] “interessados em percorrer um roteiro religioso, passando por Igrejas [...], Santuário [...], Templo [...], entre outros” espaços. Esse dado me sugere que há interessados em conhecer outros roteiros religiosos que não apenas àqueles ligados a fé católica ou cristã.

Então, olhando a ideia de Pereira (2006), pergunto: seria uma ação significativa a mobilização da comunidade interessada em buscar alternativas e apresentar aos gestores públicos competentes, no sentido de fomentar a valorização das expressões culturais e de religiosidade dos Povos e Comunidades de Matriz Africana, na RA I? Poderia ser proposto, por exemplo, um roteiro que valorize as tradições, as manifestações culturais, os ritos, as expressões da religiosidade e os territórios e espaços sagrados desses grupos?

E, deste modo, tendo como fonte inspiradora o continente africano, também chamado de berço da humanidade⁵, é fundamental que essas tradições sejam valorizadas, já que estão fortemente presentes na cultura nacional brasileira. Esses traços culturais que, segundo Pradier (1999, p. 24 apud Silva, 2015, p. 51) trata-se de uma “(...) forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar” e, se manifestam, por exemplo, na música, no artesanato, na dança, na moda, na culinária e nos modos de fazer e na difusão de tantas práticas inclusive na assistência espiritual, a exemplo da Umbanda, do Candomblé e do Tambor de Mina.

No campo acadêmico, segundo explica o Professor Rafael Sanzio em entrevista ao Portal Geocracia, a Geografia nos “(...) possibilita “ver” o que muitos não querem enxergar, mesmo usando artifícios como a negação da realidade” pois, as narrativas históricas têm muita

⁵ O continente africano foi onde surgiram os primeiros grupos de ancestrais humanos que vivem no Planeta Terra. África berço da humanidade. https://www.acessepiaui.com.br/ver_coluna2/1969/A-Africa-e-o-berco-da-humanidade-. Último acesso em: 01 dez 2023).

relevância, e há muito o que fazer, como por exemplo:

A adesão oficial ao SINAPIR pelas 26 Unidades da Federação e os 5.570 municípios é uma condição básica para que os organismos de promoção da igualdade racial estaduais, distritais e municipais possam agir de forma descentralizada e democrática nas moldabilidades de gestão Básica, Intermediária ou Plena, que serão definidas a partir do grau de institucionalização da política de igualdade racial no âmbito da unidade territorial político-administrativa (PORTAL GEOCRACIA, 2021 [*on line*]).

Assim, concluo que muitas vezes por meio da interdisciplinaridade que a academia pode promover o acesso de estudantes para com as mais diversas realidades em que há presença desses povos e suas culturas. O intuito deve ser o de promover e valorizar esses povos e suas práticas, dissolvendo preconceitos contra suas manifestações culturais. Nesse sentido, é fundamental que o conhecimento percebido empiricamente, dessas tradições, seja conduzido por meio de uma abordagem científica.

Uma trajetória que possa alcançar a todos, para que esse saber não se mantenha restrito somente à transmissão pelas práticas e pela oralidade ancestral. Até os dias de hoje, essa forma de transmissão cultural, em alguns casos, ainda é o único suporte comunicacional desse saber. É preciso fazer mais, para que o conhecimento, a tradição, a riqueza cultural de matriz africana chegue além daqueles que convivem com essas expressões.

Nessa ótica, em que a tradição parece não ter mais valor político pedagógico, que segundo Caldart (2009, p. 45) a “(...) compreensão sobre a necessidade de um ‘diálogo de saberes’ está em um plano bem mais complexo do que afirmar a valorização do saber popular”, ainda mais para uma sociedade que está em construção.

Por tanto, evitar o apagamento da história nacional, do povo negro, construída pelos povos afrodescendentes, é fundamental nesse processo em que se busca o respeito pela sua diversidade, que é representativa e própria desse povo, pois são seus modos de existir e, “(...) isso tem a ver com uma reflexão necessária sobre o trabalho pedagógico que valorize a experiência dos sujeitos [...] e que ajude na reapropriação (teórica) do conhecimento (coletivo) que produzem através dela (...)” (CALDART, 2009 p. 45).

1.2 Hipótese

Parte-se da hipótese que os espaços sagrados dos Povos e Comunidades de Matriz Africana, possuem grande importância para as comunidades onde estão inseridas, tanto pelo

papel da religiosidade, quanto pelas práticas culturais, assistenciais e de acolhimentos que desempenham nesses territórios.

1.2.1 Delimitação do recorte espacial e temporal

Quando iniciei esse estudo pretendia analisar os diversos Espaços Sagrados dos Povos e Comunidades de Matriz Africana circunscritos na RA I, Plano Piloto. Entretanto, à medida que fui desenvolvendo o estudo identifiquei que **todos** os grupos existentes têm como sagrado a Umbanda. Diante desta realidade empírica realinhei os objetivos e os conceitos aqui trabalhados optando pelo estudo da Umbanda.

Os dados e informações sobre os grupos de Umbanda pesquisados correspondem ao período de 2000 a 2023. É possível que algumas informações produzidas, em anos anteriores, também sejam acessadas para que possam contribuir à construção metodológica dessa investigação.

1.3 Objetivo

Analisar o papel da religiosidade nos Espaços Sagrados de Umbanda enquanto elemento central que atrai a população aos rituais sagrados.

1.3.1 Objetivos Específicos

- I) Identificar e mapear a geografia dos territórios sagrados dos umbandistas localizados na RA I;
- II) Identificar os elementos identitários constituintes dos grupos, consagrados à Umbanda na RA I;
- III) Descrever as práticas e os saberes associados às expressões de religiosidade da Umbanda, na RA I.

SEÇÃO II – METODOLOGIA, REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITOS

2.1 Metodologia

Nessa pesquisa busquei identificar as práticas e saberes associados às expressões religiosas da Umbanda na Região Administrativa I. Logo, ele foi desenvolvido, no campo da Geografia Cultural, resultante de um percurso enriquecedor.

Os aspectos que suleiam⁶ a construção dessa pesquisa é de cunho qualitativo pois a edificação do texto resultou da interpretação e da análise dos dados e das fontes de informações já existentes. As fases metodológicas realizadas no desenvolvimento e conclusão do presente estudo, estão descritas a seguir.

Na primeira etapa fiz o recorte geográfico do objeto de estudo que é a Região Administrativa I. Ratifico que quando iniciei essa pesquisa pretendia concentrar meu esforço de estudo nos Espaços Sagrados dos Povos e Comunidades de Matriz Africana circunscritos nessa região administrativa. Entretanto, à medida que fui avançando no trabalho de campo, identifiquei que todos os grupos existentes, na RA I – Plano Piloto, cultuam a Umbanda. Diante dessa constatação precisei realinhar e readequar o tema, o propósito e os conceitos balizadores da minha pesquisa. Logo, desenvolvi aqui um estudo com foco na Umbanda.

Os dados e informações sobre os Povos e Comunidades de Matriz Africana corresponderão ao período de 2000 a 2023. Mas saliento a possibilidade de que algumas informações produzidas, em anos anteriores, também sejam acessadas pois irão contribuir na construção metodológica da minha investigação.

Outra etapa importante foi a revisão bibliográfica que desenvolvi por meio da análise e da interpretação de fontes secundárias tais como: livros, artigos científicos, periódicos e outros materiais impressos e digitais. Minha ação inicial foi revisar os conceitos de Território e Territorialidade – Raffestin (1993) e Rogério Raesbaert (2020) respectivamente e, de Espaço Geográfico, a partir das obras de Milton Santos (1988). Também tratei dos conceitos de religião e religiosidade sobre o olhar de Zeny Rosendahl (2002, 2018), que ainda estabelece a discussão sobre a territorialidade. Já o conceito de tradição pude acessar as discussões propostas pela Professora Maria Geralda de Almeida (2015, 2022). Essas leituras contribuíram para a construção teórica do meu objeto de estudo e foram essenciais para a produção das perguntas

⁶ De Sulear, em contraponto a nortear, termo considerado eurocêntrico, e foi cunhado pelo professor e físico Marcio D’Olne Campos. Fonte <https://iela.ufsc.br/a-origem-do-sulear/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

dos questionários dirigidos aos representantes e consulentes e beneficiários⁷ das casas visitadas. Tal etapa foi significativa para produção de dados primários da minha pesquisa.

A pesquisa de campo, mais uma etapa que realizei, foi muito significativa para o desenvolvimento da discussão empírica contida na Sessão III. Primeiramente pude identificar que os espaços sagrados dos Povos e Comunidades de Matriz Africana, localizados na RA I, cultuam a Umbanda. Destes, fiz a identificação dos cinco seguintes: Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória; Casa Luz de Yorimá – Terreiro da Cabocla Jupiara; Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda; Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças; e Centro Espírita Tenda de Oxalá. Obtive êxito no diálogo com as representações de todos esses centros espiritualistas com exceção do último cujos dirigentes se mostraram pouco disponíveis ao diálogo.

As visitas a esses espaços sagrados foi o ponto alto do meu estudo pois a prática da observação permitiu o contraponto com as leituras resultantes da revisão bibliográfica e gerou reflexões agora expostas no corpo da minha pesquisa. Fiz visitas de observação a essas casas em datas e horários diferentes. O acompanhamento dos rituais, em cada local, me permitiu identificar os elementos identitários constituintes de cada grupo. Me possibilitou catalogar as práticas e os saberes associados às expressões de religiosidade da Umbanda.

As visitas também me permitiram elaborar perguntas que compuseram os questionários das entrevistas; aplicar esses questionários junto aos dirigentes e ao público consulente; fazer o registro fotográfico; e registrar as impressões percebidas, nos centros de Umbanda.

Os mapas com a localização geográfica dos espaços pesquisados foram elaborados no programa QGIS, com escala numérica de 1:9.000, DATUM: SIRGAS 2.000 e Sistema de Coordenadas UTM 23S. Para essa produção usei como referências os materiais da SEDUH-DF, 2023 e ANJOS, 2018. Eles objetivam localizar e expressar a realidade terrestre com a espacialização dos fenômenos geográficos investigados.

Por fim, tive também as reuniões de orientação. O objetivo foi alinhar estrategicamente o percurso da pesquisa, com indicação de releituras ou de novas leituras para compor a bibliografia do trabalho em andamento. Os encontros se deram com a periodicidade necessária ao desenvolvimento das etapas de fechamento dos objetivos; definição da hipótese e dos recortes temático, espacial e temporal do objeto de estudo. Esses momentos foram importantes pois indicaram o percurso que ancorou o desenvolvimento do meu estudo. Foram oportunas

⁷ São fiéis presentes nos trabalhos e rituais sagrados e as demais pessoas que frequentam, mesmo que esporadicamente, os centros de umbanda.

ainda a crítica e a avaliação da orientadora, relativas às versões preliminares do TCC até a chegada da sua versão final, aqui apresentada.

2.2 O Referencial teórico: alguns apontamentos

Com os estudos realizados por Galileu em meados de 1.700 d.C., “para o desenvolvimento das ciências experimentais” (ROSA, 2012, p. 20) nos indica que a história começa a registrar o progresso do mundo moderno a partir do contexto científico, dado seu “distanciamento das influências filosóficas e religiosas, como reconhecimento da conveniência de liberdade da investigação científica”, que complementa Rosa.

A formidável resistência ao pensamento científico, por seu caráter independente, laico e antidogmático, retardaria seu completo triunfo sobre a ignorância, o preconceito e a especulação, mas não seria capaz de evitar sua crescente influência em importantes segmentos do meio intelectual de um grande número de países, em particular da Europa. As atividades teóricas e experimentais passariam a adotar, sem traumas, a metodologia científica (ROSA, 2012, p. 20).

E, apesar de conceitualmente não ser pessoa negra, cuja realidade, sofre preconceitos cristalizados na sociedade, tenho em mim forte anseio de falar a respeito dessas expressões culturais que precisam urgentemente serem catalogadas cientificamente. Em contraponto ao preconceito vigente contra a cultura dos Povos e Comunidades de Matriz Africana no Brasil, desenvolvo atitudes de valorização de seus saberes no acesso às músicas, danças, gastronomia, religiosidade e rituais que enaltecem essa cultura.

Busco, sempre que possível, destacar o sentido do seu artesanato, seus folgedos e a oralidade desses conhecimentos na composição da matriz cultural brasileira. Assim, é “(...) imprescindível trabalhar com o rigor que a metodologia científica exige, com método, para assegurar a si e aos demais que os resultados da pesquisa serão confiáveis, válidos” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 11).

Nos tópicos a seguir vou falar dos conceitos de Território, Territorialidade, Terreiros, Espaços Sagrados e as Tradições da Umbanda na Região Administrativa I. Faço essa discussão com base em diversos autores e o intuito é construir uma referência conceitual que possa ancorar o desenvolvimento da minha pesquisa.

2.2.1 Território, territorialidade e espaços sagrados da Umbanda.

Dou início a discussão desse tópico com o intuito de estabelecer o sentido para conceituar o que se refere a espaço geográfico e ao território. Para Raffestin (1993), o espaço é anterior e preexiste a qualquer ação. Logo território e espaço, embora híbridos, encontram sua diferenciação nas permanentes relações de poder estabelecidas entre os atores em virtude da realização de seus projetos de interesse.

Portanto, o território está impresso no espaço e este resulta das relações de poder a partir de base territorial. Corroborando nessa discussão, Santos e Silveira (2012, p. 20) afirmam que “território usado é sinônimo de espaço geográfico” ao que tomarei essa compreensão para a discussão teórica dessa investigação.

O trabalho realizado sobre o espaço, pelo indivíduo, é permeado por relações de poder, em que cada ator ou grupo social empreendem esforços em fazer prevalecer os seus interesses sobre os dos demais. Nesse processo, a energia da comunicação é imprescindível, o que resulta na configuração de ‘sistemas territoriais’ (Raffestin, 1993) diferentes, impressos no espaço vivido.

Território não apenas se define, mas se compreende a luz dos processos históricos e socioespaciais. E por conta disso o conceito fica exposto à diferentes concepções autorais e dimensões constitutivas. Uma primeira é a que diferencia a concepção materialista do território, identificada com teorias naturalistas (ou etológicas), econômicas e jurídico-políticas; a segunda é a caracterização idealista que compreende processos de apropriação simbólica do espaço como fenômeno territorial construtor de identidade e, a terceira, é a caracterização integradora que reúne todas as dimensões e que concebe o território como definido por relações de poder, multiescalar, híbrido em rede e indissociável da prática dos grupos sociais (FUINI, 2017, p. 23).

Essa pluralidade marcante, coletiva de construções sociais, dada as vivências, as experiências, as especificidades dos grupos reunidos sob um ideal, traduz de maneira ímpar a definição de Haesbaert (1997, p. 50) para identidade territorial como sendo um “conjunto concatenado de representações socioespaciais que dão ou reconhecem uma certa homogeneidade em relação ao espaço ao qual se referem, atribuindo coesão e força (simbólica) ao grupo que ali vive e que com ele se identifica”.

Novamente trazemos Fuini, que tendo bebido do pensamento de Haesbaert nos diz que a:

“(…) a territorialidade pode ser compreendida como abstração teórica para território ou ter um sentido efetivo, tanto material (controle físico), quanto imaterial (controle simbólico, imaginado) e, também, na concepção de espaço vivido. Pode ser entendida como uma concepção mais ampla que território, sendo tanto propriedade dos territórios quanto condição para efetivação; territorialidade como sinônimo de

território (qualidade inerente) ou, por fim, territorialidade com sentido distinto de território, sendo vista em duas perspectivas: no âmbito da imaterialidade (quando se trata de território como algo concreto) e o domínio do vivido e não institucionalizado; e territorialidade como uma das dimensões de território, a que remete à identidade territorial” (HAESBAERT, 2014, *apud* FUINI, 2017, p. 24).

Baseado na memória coletiva, os grupos de humanos enquanto seres sociáveis, fomentam entre si formas similares de vivenciarem a natureza, o território, o imaginário, a territorialidade. Suas criações eram formas de compartilhar a mesma identidade, as mesmas expressões culturais, que segundo Simões (2017, p. 279) as “(...) práticas e conhecimentos baseados no lugar ajudam a reconhecer e reconstruir o mundo, revelando diferenças em um [...] espaço profundamente interconectados”.

E nesse sentido, essas práticas muitas vezes têm a intenção de manter os legados culturais do grupo em questão. A título de exemplo, falo da religiosidade traço que orienta e conecta outras práticas, vividas, ensinadas e aprendidas através da oralidade e do exemplo ancestral. São “práticas [que] através das quais os africanos estilizam sua conduta e podem dar conta da densidade da qual o presente negro-africano é feito” (AGUESSY, 1978, p. 45 *apud* VERDUGO, 2017, p. 310).

São essas ações que promovem as transformações dos espaços vividos em territórios marcados pela ancestralidade dos povos de Terreiros que segundo Santos (1988, p. 27) “o homem é um dado da valorização dos elementos naturais, físicos, porque é capaz de ação. Usa suas forças intelectuais e físicas contra um conjunto de objetos naturais que seleciona como indispensável para se manter enquanto grupo”.

É essa capacidade de transformação que faz o homem, através da sociabilidade e da interação com o meio em que vive, buscar e encontrar formas de tornar seus modos de vida uma *práxis*. É por meio do “conhecimento das possibilidades de oscilações das condições naturais, consideradas em relação com a atividade humana desenvolvida [...], o homem imagina, elabora, codifica, impõe um sistema regulador” próprio dessa interação (SANTOS, 1988, p. 27).

Resulta desse contato, a construção do território fruto da imposição de vontades entre atores envolvidos em virtude da realização de seus projetos de interesse. Segundo Raffestin (1993, p. 7), no referido território “circula o poder que não é nem possuído nem adquirido, mas simplesmente exercido”. Neste diálogo analítico “pode-se reconhecer traços específicos, dependendo, por exemplo, da força com que a investigação intelectual dialoga com o uso do território como termo cotidiano e também como ferramenta política pelos diversos grupos sociais, em especial os grupos subalternos (HAESBAERT, 2020, p. 142).

As transformações advindas desse processo marcado pelo conhecimento, pela interação com o meio que gera a sociabilidade, o homem inteligível descobre e estabelece mecanismos de formação de uma identidade através da “consciência” geográfica⁸, onde:

Pode-se, pois, dizer a respeito dessas novas realidades que tais especializações na utilização do território – sejam elas originalmente naturais ou culturais, ou provenham de intervenções políticas e técnicas – significam uma verdadeira redescoberta da Natureza ou pelo menos uma revalorização total, na qual cada parte, isto é, cada lugar, recebe um novo papel, ganha um novo valor. Como o fenômeno é geral, poder-se-ia dizer que nesta fase da história se está afirmando [...] o homem atinge enfim um conhecimento analítico e sintético de toda a Natureza e adquire a capacidade de uma utilização geral e global das coisas que o cercam. [...] Para a geografia, trata-se de novas perspectivas e de uma capacidade nova de trabalhar com leis universais (SANTOS, 1988, p. 12).

No curso do tempo, as transformações avançam e vai se constituindo o estabelecimento de uma nova paisagem sobre o território definido e marcado pela identidade daqueles grupos de humanos ali estabelecidos, em favor da coletividade. Sobre a paisagem Santos (1988, p. 22) convida ao entendimento desta a partir do pensamento de Carl Sauer que propõe “que considerássemos dois tipos de paisagem, a natural e a artificial”.

A primeira, a paisagem natural “(...) é aquela ainda não é mudada pelo esforço humano”. Já a paisagem artificial “(...) é transformada pelo homem”, ratifica (SANTOS, 1988, p. 23) dizendo que “à medida que o homem se defronta com a natureza, há entre os dois uma relação cultural, que é também política, técnica, etc. É a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização por Marx” (SANTOS, 1988, p. 22).

Assim sendo, um grupo de humanos se estabelece em um dado território quando já encontrou ali os elementos básicos e essenciais a sua existência. A partir dessa permanência, outros laços começam a ser desenvolvidos como parte do processo de fixação no espaço. A partir daí passa a acumular características sociais, políticos e de poder sobre esse território.

Aqui, ele deixa de ser do indivíduo e passa a ser do grupo. E por meio das expressões culturais ali exercidas, como o plantio, os folguedos, os festejos, a sacralização e o contato com a natureza, começa a vigorar sobre esse espaço o território que corresponde a uma identidade grupal de reconhecimento. Nesse sentido, Leite (2000, p. 333-354) traz a seguinte contribuição:

⁸ A ciência geográfica tem uma base fenomenológica, ou seja, tem sua origem numa consciência geográfica e torna a sociedade mais consciente da geografia. Por outro lado, porém, o despertar da ciência geográfica depende da existência de uma consciência geográfica natural e pré-científica. Os geógrafos e a ciência geográfica não podem existir senão numa sociedade dotada de um senso geográfico". C. van Paassen, 1957, p. 21, citado por Olavi Granti, 1981, p. 22.

Não é a terra, portanto, o elemento exclusivo que identificaria os sujeitos do direito, mas sim sua condição de membro do grupo. A terra, evidentemente, é crucial para a continuidade do grupo, do destino dado ao modo coletivo de vida destas populações, mas não é o elemento que exclusivamente o define (...). A terra, base geográfica, está posta como condição de fixação, mas não como condição exclusiva para a existência do grupo. A terra é o que propicia condições de permanência, de continuidade das referências simbólicas importantes à consolidação do imaginário coletivo, e os grupos chegam por vezes a projetar nela sua existência, mas, inclusive, não têm com ela uma dependência exclusiva.

Logo, a capital da República é um território místico, desde mesmo antes de sua criação pelo imperador do Brasil, por meio da Constituição Federal Brasileira de 1891. Mas 8 anos antes, o padre italiano Dom João Bosco, que viveu na região de Piemonte, já falava em seus sermões que em sonhos, ouvia vozes que afirmavam haver entre os paralelos 15 e 20 a criação de Brasília, que:

“(...) não foi marcada apenas pelo entusiasmo de Juscelino Kubitschek ou pelo modernismo de Oscar Niemeyer. O local atraiu uma diversidade significativa de crenças vindas de todas as regiões do país, da ufologia à astrologia, passando pelo Santo Daime e a wicca, que se instalaram e ali permanecem até hoje. Além disso, a cidade carrega outras culturas religiosas originais e até mitos próprios (FERREIRA, 2018, *on line*).

Considerando a história recente, a partir de sua construção, Brasília e seu entorno é mesmo um território que abriga a diversidade nacional pelo fato de aqui viverem pessoas oriundas de todas as regiões do país. Elas trazem consigo seus elementos indenitários identificáveis. E a RA I é parte do território total que constitui Brasília, Distrito Federal.

Mas se olharmos mais longe na história, vamos perceber que o misticismo que envolve a RA I, tem raízes ainda mais profundas, onde certamente chegaremos aos Africanos que para cá foram trazidos e escravizados.

Esses grupos, ajudaram a construir um panteão próprio do Brasil, “geograficamente amplo e culturalmente plural” (IPHAN/DF, 2012, p. 27), cujas práticas e expressões precisam ser preservadas, valorizadas, respeitadas e repassadas às futuras gerações; “os atos, usos e costumes adotados pelo povo-de-terreiro são, em geral, fundamentados por meio dos itãs, mitos, sobretudo, cosmogônicos e antropogônicos, que narram histórias nas quais os deuses figuram como instrutores dos homens” (IPHAN/DF, 2012, p. 112).

Pelo exposto, entendo que essas práticas se tornam essenciais à vida em comunidade e marcam a identidade dos referidos grupos, sob o espaço com territórios em constituição. Nos territórios específicos o “mitos, além de serem revividos pelas comunidades-de-terreiro, são por elas ressignificados” (IPHAN/DF, 2012, p. 112). E “são esses atores que produzem o território,

partindo da realidade inicial dada, que é o espaço” (RAFFERTIN, 1993, p. 7) geográfico e o espaço vivido.

Aqui sinalizo que a prática dos grupos de Umbanda, “não advém das concepções e práticas de poder hegemônicas, em grande parte replicadoras de uma visão moderno-colonial euro-centrada” (HAESBAERT, 2020, p. 143). Assim, aprendemos com esses sujeitos, que apesar da importância do território para manutenção de suas vidas, o corpo, a própria vida é mais importante para um legado ancestral, pois:

Esses grupos de longa data transformam o espaço e elaboram territorialidades pautadas num outro sentido, o do território como território de vida, condição da própria existência do grupo. Aí teremos, sim, condições de encontrar uma – ou diversas – concepções territoriais [...], sobretudo enquanto categoria da prática (HAESBAERT, 2020, p. 143).

E são exatamente sobre as concepções da construção, pelos grupos de Umbanda, desses espaços em territórios, por meio das vivências e da subjetividade, que conceituarei os pontos abaixo. Meu intuito é compreender melhor esses processos de transformação por meio da religiosidade.

2.2.1.1 Território e Territorialidade: o Terreiro

Para Raffestin (1993, p. 160), “(...) a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo” cujos “objetos acrescidos ao espaço, [...] mudam as funções e os valores das partes” (QUEIROZ, 2007, P. 29), permeando o sentido de Sagrado nesse espaço geográfico vivido.

O território, cheio de marcas subjetivas dos grupos estabelecidos, que ao longo do tempo transformaram a paisagem, o espaço, ratificando suas identidades, suas expressões e sua religiosidade. Raffestin (1993, p 13) chama atenção para a teoria ratzeliana ao afirmar que “viu muito bem o papel e a influência que poderiam desempenhar as representações geográficas, assim como as ideias religiosas” a partir do enraizamento no solo das comunidades que exploraram as potencialidades territoriais.

Nesse sentido, as estruturas das subjetividades representadas no agora espaço vivido, ou seja, no território, não podem estar desagrupadas das relações estabelecidas produzidas internamente entre as comunidades e o meio externo, sem perder o elo com a natureza das coisas. É “(...) em torno do homem que o sistema da natureza conhece uma nova valorização e,

por conseguinte, um novo significado” (SANTOS, 1988, p. 28). É pela cultura que estas populações fazem sua mediação com o mundo, constroem um modo de vida particular e se “enraízam” no território. Há, assim, uma herança cultural que permeia a relação com o território (ALMEIDA, 2022, p. 231).

Assim indico dois elementos essenciais na constituição das representatividades nas relações: o território e a cultura. Segundo o IPHAN (2012, p. 26) “a cultura africana, se observada nos fundamentos que definem sua expressão sagrada, muito contribuiu para a formação do patrimônio cultural e religioso brasileiro”.

Para falar de Terreiro estabeleço a conexão com o conceito de território e o sentido de territorialidade. O Terreiro é um ambiente sagrado com ambientes também sagrados. É uma representação cheia de marcas subjetivas das pessoas a ele vinculados pelo sentido de Sagrado que perpassa o subjetivo dessas pessoas. Ali é um espaço vivido cujas identidades são construídas e fortalecidas pelas expressões de religiosidade decorrentes da conformação espacial, das construções, dos ritos, da música, da dança, dos toques, dos trajés e do modo de ser.

As marcas, o lastro e as estruturas da subjetividade dos grupos de Umbanda convergem sua pluralidade, sua singularidade e consagra o Terreiro como espaço da unicidade, da construção, da proteção, da resistência e da transformação da vida coletiva. Nesse território o pertencimento se dá pelo apoio mútuo, fraterno, onde todos usufruem daquilo que todos produzem, seja material ou divino.

2.2.1.2 Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana em Brasília: identidade religiosa

Os povos africanos foram trazidos e escravizados no Brasil por mais de 300 anos pelos colonizadores europeus. Aqui serviram como mão de obra barata, explorada inicialmente na agropecuária, e mais tarde na mineração, o que contribuiu na constituição e consolidação de uma elite capitalista, sob o aval do Estado.

Isso se dá especialmente com as relações comerciais entre Brasil e Inglaterra, esta última em pleno vigor de sua Revolução Industrial, transicionando à forma plena e subsumida do modo de produção capitalista. Nesse limiar é que o escravismo moderno consegue coexistir e oferecer importante apoio ao desenvolvimento capitalista, inserindo-se nos circuitos do mercado mundial (LARA; DIOGO, 2022, p. 78).

Ao longo desses séculos, esses os grupos desenvolveram processos de resistências e organizaram fugas para o interior do Brasil⁹, onde estabeleceram profundas relações históricas e culturais com o território de destino, formando ou fortalecendo quilombos onde, “a cada momento histórico, [...] acarreta uma diferenciação no interior do espaço [...] e, confere a cada [...] lugar sua especificidade e definição particular” Santos (2002b, p. 165 *apud* Queiroz, 2007, p. 29).

A partir daí podemos perceber as transformações que ocorrem no território e que são formadores da identidade dos povos e comunidades de matriz africana. São essas as representações de seus costumes e modos de fazer e vivenciar o espaço geográfico por meio de práticas que muitas vezes extrapolam o físico e vão à subjetividade. Mas, promovem interações com a natureza, com outros grupos e entre si mesmo, desenvolvendo expressões e tradições culturais próprias.

É dessa maneira que compreendemos as transformações ocorridas na região do Planalto Central que, ao longo de sua história, sustentou diferentes funções, como a mineradora e a agropecuária. Hoje, algumas localidades do Planalto Central tentam redefinir suas funções entre aspectos tradicionais e modernos. O uso do espaço, de seus recursos e objetos é realizado com maior ou menor intensidade em momentos distintos da história (...)” (QUEIROZ, 2007, p. 29).

Nesse sentido, é evidente que a cosmogonia arraigada na corporeidade dos povos que habitam o território do Distrito Federal, como pontua Queiroz (2007, p. 126) que a essa altura já constituiu outras expressões da sua cultura, como “os saberes, as danças, as celebrações, as formas de expressão [de fé], a culinária, [e até mesmo a maneira de sua organização], entre outros, [e] possuem características próprias na região e são elementos históricos de manifestação cultural vivos nas localidades (...)” onde habitam e na sociedade que participam.

Isso deixa claro a importância do “(...) patrimônio [material e] imaterial da região, construído historicamente” e que segundo Rosendahl (2002, p. 12) promove o verdadeiro “(...) impacto da religião sobre a paisagem”. Assim, disponibiliza para análise as expressões, materiais e imateriais dos povos escravizados, e que foram construídas e constituídas pela prática ancestral da religiosidade africana.

Identificamos um sem-número de bens culturais cuja matriz é africana e que se associam à língua, aos códigos comportamentais, às expressões e instrumentos musicais, às danças, à culinária e à arte de modo geral. Falamos pontualmente de uma

⁹ Nos séculos seguintes, após 1535 até 1888, quando foi instituída a Lei Áurea, registrou-se resistência e fugas, para o interior do Brasil. Nos novos destinos formaram ou fortaleceram os quilombos. Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Último acesso em: 25 set 2023.

ancestralidade africana que salta aos olhos daqueles que se empenham em examinar a cultura nacional. Nessa direção, não podemos deixar de mencionar, ainda, a relevância do legado cultural africano na conformação de concepções míticas, de valores e princípios socialmente internalizados pela sociedade brasileira (IPHAN/DF, 2012, p. 26).

Essas práticas levadas pelos mais velhos e compartilhadas por todos na comunidade e para as futuras gerações, muitas vezes, por meio do exemplo e da oralidade, pode inclusive ter origem direta na “migração natural de pessoas, que transmitem sua cultura, e a migração de sistemas religiosos, que resultam em adaptações ou integrações de religiões a um determinado ambiente estranho, que pode alcançar um equilíbrio ou desenvolver mecanismos de conquista” (ROSENDAHL, 2002, p. 11).

No território, na sua ocupação, ou seja, sua territorialidade, as práticas religiosas e os objetos ou artefatos utilizados no espaço e nos rituais sagrados possuem um simbolismo profundo evidenciado em seus cultos, em seus panteões e nas demais expressões de sua cultura. São também, segundo Rosendahl (2002, p. 15) “rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. [...] Contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. [...] Não apenas encoraja a devoção como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional (...)”.

Assim, essas práticas e expressões, são ações que reforçam a identidade dos grupos, uma vez que para Rats (2020, p. 18) “as questões africanas, negras [...] podem ser compreendidas [...] se estendendo do Brasil à África e à América Latina (...)”. Situação que vem “afirmar a territorialidade/identidade [...], as manifestações culturais, o pertencimento ao lugar, [...], assegurar o modo de vida [...], a história e as memórias, a tradicionalidade, a religiosidade (...)” (CAMPOS; RODRIGUES, 2021, p. 23), dos Povos e Comunidades de Matriz Africana.

As diferenças étnicas e raciais, pré-existentes ao período-moderno colonial, como demonstram as cartas portulanas, as línguas, as formas espaciais, as poéticas – orais, visuais, musicais, escritas e inscritas – e as corporeidades, não se extinguem: se reconfiguram face ao colonialismo ou colonialidade. Marcadas pelas negações e discriminações, a diferença [...] perdura por meio de um vasto e intrincado conjunto de sujeitos, vozes, textualidades e espacialidades (RATS, 2020, p. 18).

Destarte, as práticas aplicadas no exercício das manifestações de fé, para além das representatividades, todo o simbolismo e as expressões culturais ancestrais, como por exemplo o manuseio de raízes, plantas e outras forças da natureza, fazem conexão direta com o solo, com a terra. Para Rosendahl (1999b, p. 236 *apud* Rosendahl, 2018, p. 82), essas atividades

também religiosas “(...) imprimem no espaço transformações que estão fortemente relacionadas [...] que o espaço pode ser percebido de acordo com os valores simbólicos ali representados”.

O sentido de uso do espaço é o que o torna sagrado para as pessoas vinculadas a ele. E esse vínculo advém da destinação desse espaço ao sagrado por meio da realização das liturgias, dos cultos, dos festejos e dos atendimentos assistenciais. E no curso do tempo desenvolve-se um sentimento de territorialidade e pertencimento, a esses espaços, pelos seus frequentadores dando a esse território o sentido de “Santidade” (ROSENDAHL, 2002, p. 18).

2.2.1.3 A Geografia do território sagrado: a tradição

Neste tópico pretendo discutir elementos fundantes que caracterizam a tradição da Umbanda. O referido termo traz relação direta com as práticas culturais desenvolvidas em um referencial temporal, pelos povos e comunidades, e que são repassadas às gerações seguintes. No curso do tempo esses costumes, as expressões culturais e seus sentidos torna-se tradição. Por exemplo, um festejo popular sagrado, em dado território, realizado anualmente, desde os ancestrais, torna-se uma festa tradicional carregada de sentido e representatividade a ser cultuada, reverenciada e celebrada pelas gerações seguintes.

O vocábulo tradição, de origem latina, *traditione*, pode ser entendido, em princípio, como o ato de transmitir ou entregar; com um significado um pouco mais elaborado, a transmissão oral de fatos, lendas etc., de idade em idade, de geração em geração ou ainda enquanto conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados (MAIA, 2002, p. 91).

Além dos fatos e das lendas, outras expressões culturais são consideradas tradição pelos Povos e Comunidades de Matriz Africana, como a Umbanda. A exemplo, tem-se os folguedos populares, a música em suas várias formas de execução, as danças aos deuses, os rituais alimentares e o plantio de ervas, que também são tradições repassadas as gerações.

Nos terreiros de Umbanda, das comunidades pesquisadas na RA I, essas expressões culturais também ganham relevo nos espaços de vivência e de relações. E a localização geográfica dos terreiros, simboliza o marco zero de referência cultural das relações que a partir dele se estabelecem. Muito embora ao longo do tempo algumas tradições tenham sofrido influências diretas e indiretas quando se fala de tradição que pode refletir, segundo McDowell (1996, p. 179 *apud* Maia, 2001, p. 94) “acerca da significação, representação, a política de localização e a elaboração de um sentido próprio baseado em lugar nas sociedades multiculturais”.

Nesses processos, muito embora existam questões ligadas a urbanização, é importante refletir sobre as identidades desses grupos da Umbanda, no sentido do “significado e da imaginação”, reforça Maia (2021). Os laços de fé para os umbandistas, para além do contato com a divindade, que pode estar na natureza ou no contexto do dia a dia, seja por ordem moral, ou por ordem espiritual, o marco orientador do grupo, se dá a partir da localização do Espaço Sagrado e da sua conexão com a comunidade.

A construção do espaço [...] é expressivo, pois este espaço transpassa por um processo de construção [...] tido pelos próprios sujeitos como o espaço sagrado, marcado por símbolos, considerado como um espaço vivido e experienciado, é também marcado por signos que refletem um sentimento de pertencimento, contribuindo então, para a formação da identidade do indivíduo (NASCIMENTO E COSTA, 2019, p. 32).

Ainda segundo Nascimento e Costa (2019, p. 34), apesar do espaço ter a sua conexão definida também pela localização, isso não limita sua atuação enquanto espaço marcado pelas relações intensas das pessoas com o meio. O sentido da localização extrapola os limites geográficos e toma proporções maiores, integrando, interconectando as pessoas, de dado grupo, através das energias ali difundidas em prol do bem da comunidade.

Podemos considerar que os limites do terreiro não se resumem ao espaço fechado entre as quatro paredes. Entretanto, os limites do terreiro são os limites espaciais de um grupo social (no caso, todos que integram o terreiro). É essa integração que delimita o espaço sagrado, e por consequência, o sagrado pode ser qualquer lugar, fora do terreiro concreto (NASCIMENTO E COSTA; 2019, p. 34).

E Rosendahl (2002, p. 30) esclarece que:

O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. É o sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente (...).”

No que Barros (2008, p. 56) sintetiza ratificando que:

O terreiro é um espaço social, mítico, simbólico, em que a natureza e os fiéis se unem para viver uma realidade diferente daquela que o cotidiano ou a sociedade lhes apresenta como o real, na qual as pessoas que o constituem acreditam. É nesse espaço que se dá a transmissão e aquisição dos conhecimentos da tradição religiosa afro-brasileira. O terreiro significa, para os seus frequentadores, um espaço idealizado, divinizado, no qual “orixás” e “guias” baixam, para manifestar ali o encontro desses com a sua comunidade religiosa. É assimilado como um local de vida, de reunião, de participação, espaço social, além de religioso.”

Assim, os grupos de Umbanda vivem e exercem sua fé. Não apenas vivenciam sua religiosidade por um caráter moral puramente. Mas se utiliza desse caráter de maneira a experienciar no seu dia a dia, em todos os contextos da vida, os processos de relações, seja entre os indivíduos, com o meio em que vive e também com a natureza.

SEÇÃO III - AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS DA UMBANDA NA RA I, PLANO PILOTO/DISTRITO FEDERAL.

No Brasil, desde a Carta Magna de 1988, considerada Constituição Cidadã, em um processo após 21 anos de Ditadura Militar, em seu Artigo 19º, item I, veda tacitamente ao Estado brasileiro e aos demais entes federativos “estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes, relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público” (BRASIL, 1988).

Contudo, o Brasil já era um Estado laico desde 1890, quando por meio do Decreto nº. 119-A¹⁰ consagrava aos brasileiros a plena liberdade de culto, ao dizer que “a todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos atos particulares ou públicos, que interessem o exercício deste decreto” (BRASIL, 1890, Artigo 2º).

Não obstante a esse amparo constitucional, objetivando a liberdade de crença e de culto, ainda hoje, as reuniões religiosas dos Povos e Comunidades de Matriz Africana são realizadas com discrição ou escondidas. Isso resulta em razão da intolerância religiosa, situação vivenciadas por esses coletivos desde o processo de escravização que levou essa população a marginalidade.

Para que esses povos pudessem, ao longo do tempo de escravização, exercer sua fé, foi acontecendo o sincretismo religioso e cultural, constituindo uma conformação mista de múltiplas religiosidades, conforme diz Sousa (2018).

No que diz respeito à religião especificamente, os cultos trazidos pelos africanos deram origem a uma variedade de manifestações que aqui encontraram conformação específica, através de uma multiplicidade sincrética resultante do contato das religiões dos negros com o catolicismo do branco, mediado ou propiciado pelas relações sociais assimétricas existentes entre eles, também com as religiões indígenas e bem mais tarde, mas não menos significativamente, com o espiritismo kardecista (PRANDI, 1996, p. 55 *apud* SOUSA, 2018 [*on line*]).

Nessa discussão, Sousa (2018) ainda diz que “(...) essas realidades são [...] manifestações sagradas com as diversas tradições existentes, somando-se com elementos ligados ao catolicismo, práticas xamânicas, juntamente com as religiões afro-brasileiras”.

¹⁰ Proíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, e consagra a plena liberdade de cultos, extinguindo o apadrinhamento de interesses e estabelece outras providências. Para saber mais, acesse em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm. Acesso em: 13 out 2023.

Situação que tenta explicar que por meio do fenômeno de incorporação mediúnica, uma entidade da floresta, o Caboclo Sete Encruzilhadas, manifestou-se numa sessão espírita kardecista em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro em 15 de novembro de 1908. Nesse momento, surgiu a Umbanda¹¹, grupo religioso afro-brasileiro majoritariamente identificado na imersão desta pesquisa de campo, que a partir do item 3.1 vou sintetizar melhor.

Na umbanda essa lógica interpretativa é soberana, há uma tendência generalizada em se tratar da história, do processo de constituição da religião como um todo a partir das referências que se tem em relação à origem de uma de suas partes constitutivas. Um movimento específico que, ao ser considerado como fundador, acaba por condicionar as interpretações feitas sobre a religião por adeptos e estudiosos e o modo de vivenciar o universo das práticas e crenças umbandistas (ROHDE, 2009, p. 78).

É necessário explicar que os grupos de Umbanda são constituídos a partir da necessidade de conexão com o Numinoso¹², onde a fé é a base viva e as expressões culturais de origem africana são formas de externalizar essa religiosidade do coletivo ou da comunidade onde estão inseridos.

3.1- Identidades dos grupos religiosos de Umbanda na RA I, Plano Piloto/DF: características e elementos comuns e convergentes

A religiosidade como expressão de fé, é uma imagem ímpar e sutil. Por vezes é exalada tanto na fala como no silêncio. Pode estar na euforia ou na tristeza de um adepto de uma casa de fé. De modo semelhante, impregna atitudes e às vezes a quietude. Pode ser observado nas vestimentas dos médiuns ou na arquitetura e decoração dos Espaços Sagrados. Na representação do panteão a que esses espaços são oferecidos ou em um gesto de acolhimento. Está nos ritos e também nas demais ações desenvolvidas.

¹¹ O texto descrito, trata-se de uma versão sobre o surgimento da Umbanda. No entanto, segundo Ortiz (1999, *apud* Rohde, 2009), o Brasil no final do século XIX passava por transformações sociais, como a concretização do movimento abolicionista que reivindicava a liberdade aos escravizados, juntamente com a chegada do espiritismo Kardecista, que junto a religião dos afrodescendentes e afro-brasileiros, começou a alcançar, por meio dos rituais e cultos sincréticos algumas das camadas populacionais do País, sintetizando, em 1908 no mito do nascimento da Umbanda ou de sua anunciação, em Niterói. Para saber mais sobre o surgimento da Umbanda, acesse em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em: 13 out 2023.

¹² Numinoso: Jung (1938/2012) introduz o conceito de numinoso em sua teoria a partir de Otto (1917/2007), quando define que a experiência numinosa relaciona-se diretamente com à religiosa, função da psique que torna possível o contato com o arquetípico. Jung considera o termo religião como "a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso" (Jung, 1938/2012, p. 21), experiência esta que pode promover transformações na consciência. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/172/388>. Último acesso em: 14 out 2023.

As casas de Umbanda são também conhecidas como Casas de Axé, casas de resistência e força. Observar os movimentos das mais de 300 pessoas que circulam por elas, durante o desenvolvimento desta pesquisa, foi tarefa laboriosa. No entanto, foi singular, para amadurecer as ideias e análises deste trabalho. Nas tardes e noites que visitei os espaços sagrados, foi fundamental ver que oferecerem a seus consulentes beneficiados, muito acolhimento e respeito por suas dores e sua fé.

Assemelha-se a assistir a um espetáculo de teatro, naturalmente trazendo a esse a realidade e, tendo todo esse contingente como personagens reais e marcantes na estória. Além das personagens, precisei observar o cenário, os adereços, a iluminação e outros elementos da dramaturgia, do contexto empírico que há nesses ambientes, onde um simples aviso de silêncio pregado na parede tem reverberação significativa diante da “atuação” individual.

É uma riqueza de detalhes imensa, mesmo em espaços tão pequenos e, por vezes, de estrutura simples, mas de muita significância e imbuídos de tanta ancestralidade. Por seu sentido e valor vários desses espaços e de suas práticas tornaram-se patrimônio imaterial:

E, em sendo a cultura também um sistema simbólico e que dá significado às coisas e às ações humanas, a religião, por sua vez, é parte dessa cultura e busca significar e responder sobre as experiências da existência humana, sobre o sentido da vida, tornando-se um patrimônio imaterial por meio de sua representatividade ou expressões do Ser (MOTA, 2018, p. 40).

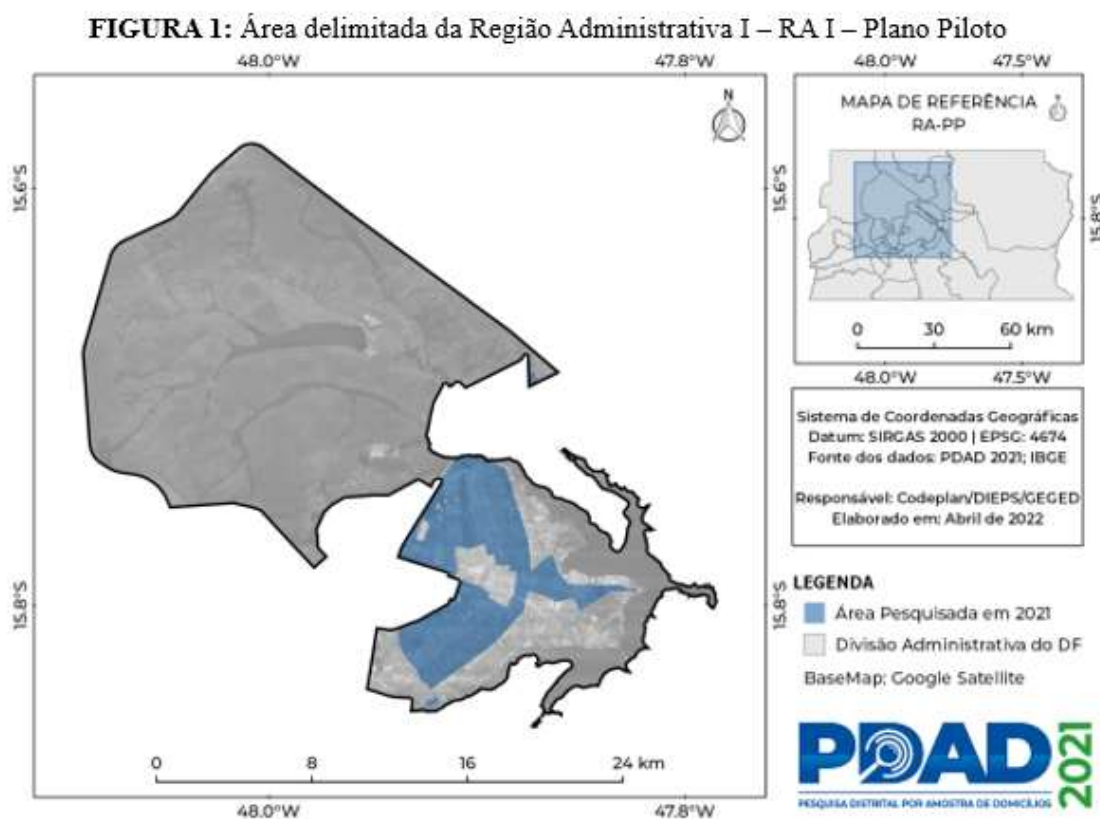
E, assim como na arte, há nessas casas características comuns entre elas. Como também há aqueles que convergem, no sentido de dar unidade a representatividade aos Povos e Comunidades de Matriz Africana, suas obras e expressões culturais dos coletivos de Umbanda e até mesmo dos indivíduos, ações que marcam profundamente os territórios e espaços onde estão inseridas. A seguir falarei das características de cada um dos quatro Terreiros de Umbanda.

3.2- Sobre os Espaços Sagrados Estudados.

Na RA I, no Plano Piloto, no início da pesquisa, identifiquei cinco Casas, Espaços Sagrados que realizam práticas de raiz de Matriz Africana. Coincidentemente, todas cultuam o Sagrado através dos rituais da Umbanda, resultante do sincretismo religioso brasileiro. São elas: Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória – CEANSG; Centro Luz de Yorymá, Terreiro da Cabocla Jupiara; Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda; Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças - TUNGRA; e Centro Espírita Tenda de Oxalá – CETO. Reitero que

obteve devolutiva, para diálogos, entrevistas e outros registros, de todas as casas com exceção dessa última.

Com base na Figura 1 abaixo e, conforme Lei Complementar do Distrito Federal nº 958 de 20 de dezembro de 2019, que definiu os limites físicos de todas as RAs do Distrito Federal (CODEPLAN, 2021), apresento a área delimitada para essa investigação, a RA I, Plano Piloto.

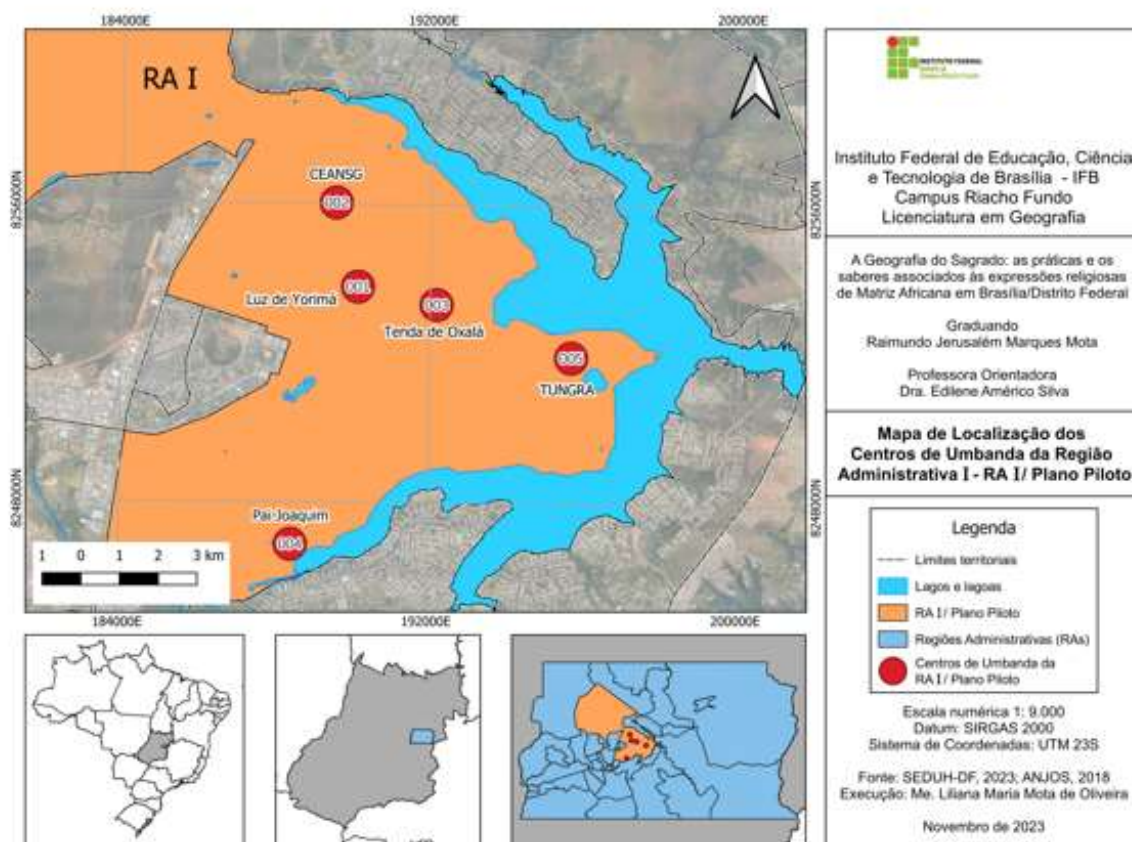


FONTE: CODEPLAN, 2021 **Elaboração:** o Autor, 2023

Já na Figura 2 abaixo, apresento a localização geográfica dos Espaços Sagrados de Umbanda identificados e estudados, cujas “(...) referências espaciais são relevantes para compreensão espacial (...), do Plano Piloto e o conjunto de localidades que vão ser referidas ao longo desse breve histórico das referências africanas e afro-brasileiras materializadas no espaço” (ANJO, 2018, p. 25).

No que se refere ao marco temporal, o período de 2000 a 2023, estabelecido no recorte desta pesquisa, observei que alguns Centros são pioneiros e foram instalados mesmo antes da fundação de Brasília. Já outros, foram instalados entre os anos do referido recorte temporal. Embora sejam de tempos e características diferentes, esses Espaços Sagrados têm em comum: o sincretismo religioso; a caridade; o cuidado com o público atendido; as ações sociais que desenvolvem; e as orientações espirituais, dada pelos Guias.

FIGURA 2: Mapa de Localização dos Centros de Umbanda na RA I – Plano Piloto



FONTE: ANJO, 2018; SEDUB-DF, 2023 **Elaboração:** O autor, 2023

De todo modo, as práticas, os ensinamentos, sua religiosidade, suas expressões de seu sagrado se confundem e se fundem. E, embora confirmem a participação de algumas entidades espirituais africanas em seus ritos e festividades, algumas não mais assumem efetivamente a Matriz Africana como berço dessa prática religiosa. Abaixo, apresento uma síntese sobre os 4 espaços estudados.

3.2.1 Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória - CEANSG¹³:

Fundado em 15 de agosto de 1965 o Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória – CEANSG está localizado em área nobre da Região Administrativa – RA I de Brasília, Distrito Federal, na SGAN EQ 711/911, W4, Conjunto F, Asa Norte, em terreno que foi adquirido em 1970, junto à NovaCap. A Figura 3 abaixo mostra a localização do espaço na RA.

¹³ O CEANSG é o Terreiro mais antigo da RA I. Ele nasceu antes mesmo da fundação de Brasília. Para saber mais acesse: <https://www.ceansg.org.br/> e <https://sarema.ozv.com.br/>. Último acesso em: 15 out 2023.

FIGURA 3: Mapa de localização do Centro Espirita Assistencial Nossa Senhora da Glória



FONTE: ANJO, 2018; SEDUB-DF, 2023 **Elaboração:** O autor, 2023

Seu nome e seu calendário litúrgico e festivo tem raízes no sincretismo religioso de Matriz Africana e no catolicismo europeu. Na sua missão espiritual, o CEANSG é uma casa de Umbanda consagrada a Ogum. Além do atendimento individual aos consulentes e beneficiários, junto as entidades e guias da casa, a Instituição ainda apoia e promove uma ação social destinada a população carente do Distrito Federal por meio da Sociedade Assistencial Recanto da Mãe Jurema – SAREMA.

FIGURA 4: Fachada e Salão do Centro Espirita Assistencial Nossa Senhora da Glória



LEGENDA: 1) Fachada do CEANSG; 2) Salão de Cerimônias e ritos do CEANSG

FONTE: Acervo do CEANSG na Internet, vide Nota 15. Acesso em Nov. 2023.

Elaboração: O autor, 2023

O CEANSG, é nascida aqui em Brasília, porém seus fundadores originam-se de outros estados do Brasil, do Rio de Janeiro por exemplo, e vieram, na condição de Candango para a construção da Capital Federal e como muitos pioneiros resolveram ficar. Outros aqui chegaram na condição de servidor público transferidos do Rio de Janeiro, antigo estado da Guanabara.

Em sendo uma expressão religiosas afro-brasileira, a Umbanda, o Sagrado cultuado pelo CEANSG tem origem na África Ocidental, região da África que corresponde hoje ao Benin, ao Togo, a Costa do Marfim e a Nigéria, Países também conhecidos com a “Yorubalândia” (IPHAN/DISTRITO FEDERAL, 2009, p. 25), em razão da língua raiz, o Yorubá.

FIGURA 5: Ações Benéficas do CEANSG/SERENA



LEGENDA: 1) Criança pulando corda; 2) Atividade pedagógica;

3) Distribuição de cestas básica; 4) Crianças brincando no pátio;

FONTE: Acervo do CEANSG na Internet, vide Nota 15. Acesso em Nov. 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

O CEANSG está organizado em duas diretorias: uma voltada a estabelecer as atividades ligadas ao Sagrado, por meio dos atendimentos aos consulentes e também da prática da caridade, fundamento primeiro da Casa, que naturalmente tem base nos preceitos de sua religiosidade. A outra diretoria está voltada à administração e atendimento à burocracia, exigida pelos órgãos e entidades governamental, mas que do ponto de vista interno “sustenta a missão da casa no mundo profano” (CEANSG, *on line*).

Esse terreiro além de desenvolver atividades de acolhimento espiritual aberto a todos consulentes e àqueles que desejarem e procurarem a casa, sempre às segunda e sextas, por meio de distribuições de fichas e senhas, ela ainda “(...) desenvolve várias atividades sociais junto à

comunidade na qual pertence, como doação de cestas básicas para pessoas carentes e a atividade de creche, no terreno da própria casa (IPHAN/DISTRITO FEDERAL, 2009, p. 28).

FIGURA 6: Dia de festejo no CEANSG



LEGENDA: 1) Almoço festivo; 2) Criança cumprimentando a matriarca da casa; 3) Consulentas participando das festividades; **FONTE:** Acervo do CEANSG na Internet, vide Nota 15. Acesso em Nov. 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

A Casa também promove, muitas vezes com base no sincretismo religioso um calendário de festejos e de liturgia. “O calendário (...) engloba cerimônias exclusivas para membros da casa e festas públicas, a saber: Festa de Oxalá, Festa de Ogum, Festa de Iansã, Festa de Oxóssi, Festa de Iemanjá, Festa de Xangô, Festa de Nanã, Festa de Oxum, Festa de Omolu e Festa de Exu e Pombagira” (IPHAN/DISTRITO FEDERAL, 2009, P. 28).

FIGURA 7: Outras ações do CEANSG



LEGENDA: 1) Bazar beneficente; 2) Consulentas aguardando distribuição de senhas; **FONTE:** Acervo do CEANSG na Internet, vide Nota 15. Acesso em Nov. 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

Esses festejos que homenageiam as Entidades, Orixás, Guias e Santos¹⁴ da casa são momentos de congregação da comunidade e são abertos ao público em geral. Em torno dessas atividades são desenvolvidas pequenas ações como por exemplo, atos ligados a culinária afro-brasileira, que corresponde às comidas típicas do período. As arrecadações oriundas dessas e outras atividades, como a organização de bazares, são destinadas a manutenção dos serviços sociais e de caridade que a casa desenvolve.

A comunidade, os consulentes e os beneficiários participam ativamente dos festejos, contribuindo com as obras da casa e buscando ajuda espiritual nos atendimentos oferecidos. Especificamente, para essa finalidade, é preciso seguir um regramento próprio que auxiliam os trabalhadores da casa no acolhimento e atendimentos daqueles que os procuram. Não há negação do atendimento espiritual, desde que o consulente tenha sua senha e ou ficha de atendimento que são distribuídos da seguinte forma:

Giras de Caridade: são aquelas de consulta individual com os Guias Espirituais e que ocorrem, usualmente, nas segundas e sextas-feiras. Nelas, o nosso trabalho é realizado somente através de consultas com as entidades, geralmente individuais e para isso é necessária a apresentação de uma FICHA (específica) ou uma SENHA (aleatória). Giras Festivas: são aquelas onde prestamos homenagem pela passagem do dia de algum dos Orixás ou outras datas comemorativas. São giras de passe energético onde não há atendimento para consultas individuais (CEANSG, *on line*).

A comunidade também participa do projeto social e da creche, onde por meio da oralidade e de alguns ensinamentos manuscritos baseado em outras doutrinas que utilizam o espiritismo como forma de expressão religiosa e de religiosidade, propagam a sua fé e a caridade junto as crianças. Dessa forma se veem pertencente e confiantes dos processos difundidos pelo CEANSG, fato que pode explicar os seus quase 60 anos de atuação junto àquela comunidade que mutuamente contribuíram de forma ímpar uma com a outra.

O CEANSG, por ser um centro de grande tradição em Brasília, dado seu tempo de fixação sempre no mesmo local, promoveu um processo de territorialidade marcante em torno da Casa. Por essa razão, “(...) e ao seu respeito junto aos adeptos da Umbanda, este terreiro influenciou outros existentes no DF” (IPHAN/DISTRITO FEDERAL, 2009, p. 28). Para o CEANSG a base da prática do Sagrado, a partir das expressões de sua religiosidade, a Umbanda, é a Caridade em seu sentido amplo, se assim podemos dizer. Essa amplitude se explica porque não há distinção e nenhuma forma de discriminação para quem os procura,

¹⁴ Entidades, Orixás, Guias e Santos, são termos atribuídos a manifestação da espiritualidade nos Espaços Sagrados de Matriz Africana. Para saber mais sobre os termos utilizados na Umbanda, acesse: <https://caminhosdoaxe.com.br/encyclopedia/conga/>. Último acesso em: 15 out 2023.

pois para Edson Silva um dos diretores da casa, o mais importante é oferecer o “(...) auxílio espiritual para o consolo e cura das enfermidades espirituais e materiais daqueles que a procuram em seu sofrimento”.

Dessa maneira é fundamental para a Instituição que as práticas vivenciadas naquele Espaço Sagrado, sejam essencialmente absorvidos; suas regras e aspectos filosóficos obedecidos e praticados pelas famílias, pelos indivíduos, pelas crianças, por meio do “exemplo e [da] tradição ritualística de forma essencialmente oral”, complementa Edson Silva.

3.2.2 Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiará¹⁵:

A Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiará é uma Espaço Sagrado relativamente recente. Ao longo de seus quase 20 anos de existência, sempre no mesmo endereço, tem uma luta de resistência que vai além das questões de intolerância religiosa que em geral os grupos de religiosidade de Matriz Africana sofrem: trata-se da questão fundiária em Brasília.

Localizado na SGAN 905, em uma área ocupada irregularmente por comércio de serviços e residências, a Casa Luz de Yorimá, no ano de 2009, teve a sua sede demolida pela Agência de Fiscalização do Governo do Distrito Federal - AGEFIS, por força da “Lei Complementar n. 806, de 12 de junho de 2009. Essa Lei dispõe sobre a regularização fundiária e urbanística das instituições religiosas e de assistências sociais no DF. No entanto, enquanto o Espaço Sagrado era demolido, todas as demais edificações ocupantes da mesma área permaneceram intactas” (CASA LUZ DE YORIMÁ, *on line*).

“Tal pressão exercida pela urbanização, fenômeno nomeado de higienização, no limite, reforça o processo de transferência involuntária dos lugares de culto afro-brasileiros para as regiões periféricas da capital federal, entre elas, o próprio Entorno. Diante desse quadro, apresenta-se a necessidade de se idealizar e colocar em funcionamento políticas fundiárias capazes de tratar de modo indiferenciado os diversos segmentos religiosos que integram a espiritualidade brasileira” (IPHAN/DF, 2012, p. 61).

Contudo, a Instituição conseguiu se reerguer e hoje é estabelecida também como um Ponto de Cultura, uma associação sem fins lucrativos, cuja administração segue o ordenamento jurídico. E, para além de um Espaço Sagrado de uma Comunidade Tradicional de Terreiro, cujas atividades desenvolvidas buscam unir luta e resistência contra toda e qualquer forma de

¹⁵ A casa de Umbanda mais recente da RA I – Plano Piloto. Recentemente tem uma nova dirigente. Para saber mais sobre a Instituição acesse: <https://www.luzdeyorima.com/>. Último acesso em: 20 out. 2023.

“discriminações estruturais em especial no que tange às questões raciais, de gênero e contra a intolerância religiosa” (LUZ DE YORIMÁ, *on line*)

FIGURA 8: Mapa de localização da Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiara



FONTE: ANJO, 2018; SEDUB-DF, 2023 **Elaboração:** O autor, 2023

A Casa Luz de Yorimá foi fundado e dirigido durante 19 anos por Mãe Vera de Yorimá. Hoje, o Espaço Sagrado está sobre a orientação de Mãe Leila, Sacerdotisa Mestra Auaracyara. Tem uma larga atuação pessoal em defesa dos Direitos Humanos em Brasília, sua Terra natal. Mãe Leila assumiu, em 2019, a direção daquele Terreiro, pode então montar o seu Congá¹⁶.

Mãe Leila tem larga história de atuação em prol da defesa das Comunidades de Terreiro, da defesa dos Direitos Humanos, em especial, da Laicidade do Estado e Defesa da Diversidade Religiosa. Atuou como Membro do Comitê Distrital da Diversidade Religiosa de 2019-2020 e 2021-2022 (CASA LUZ DE YORIMÁ, *on line*).

Dentro do espectro de sua atuação, e enquanto entidade religiosa cujo Sagrado cultuado é a Umbanda, em uma de suas ramificações, a Iniciática, a Casa Luz de Yorimá desenvolve

¹⁶ Para saber mais sobre os termos utilizados na Umbanda, acesse: <https://caminhosdoaxe.com.br/encyclopedia/conga/>. Último acesso em: 15 out 2023.

uma série de outras atividades. Essas atividades culturais, sempre relacionadas a sua religiosidade, embora elas não estejam ligadas diretamente ao seu Sagrado, dão o tom da atuação daquele Espaço Sagrado como um Ponto de Cultura¹⁷.

FIGURA 9: Congá e Momentos de fê da Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiará



LEGENDA: 1, 4) Vistas do Congá da Casa Luz de Yorimá; 2, 3) Momentos de celebração da fê
FONTE: Acervo da Luz de Yorimá. Acesso em Nov. 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

Mas essas ações, a exemplo de atividades culturais como rodas de Jongo, cursos, seminários sobre temas relacionados, além da assistência social e espiritual por meio das giras e, todas essas atividades são elementos que aproximam e congregam a comunidade onde a Casa está inserida, produzindo uma territorialidade singular naquele espaço geográfico.

Os consulentes, beneficiários e respeitosamente o público em geral que frequentam a Casa Luz de Yorimá, chamam a Sacerdotisa da casa de Mãe Leila. Assim, com essa atribuição dada pelos Santos e que honrosamente ela aceita e agradece, argumenta que “(...) ninguém se torna mãe sem ter sido filha” e complementa dizendo que “a leveza e felicidade da Gira [...] reforça que estamos no caminho estabelecido pela Espiritualidade, que este é o nosso destino e

¹⁷ Os Pontos de Cultura é parte do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania, instituído pela Portaria nº 156, de 06 de julho de 2004, pelo Ministério da Cultura. Para saber mais acesse: https://www.gov.br/culturaviva/pt-br/biblioteca-cultura-viva/normativos/Portarian156_06.07.2004ProgramaCulturaViva.pdf. Último acesso em: 23 out 2023. Sobre o Ponto de Cultura Luz de Yorimá, acesse: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/09/5122081-ponto-de-cultura-luz-yorima-promove-workshop-com-o-coreografo-jorge-ndlozy.html>. Último acesso em: 23 out 2023.

que devemos trabalhar para que seja positivo individual e coletivamente” (LUZ de YORIMÁ, *on line*).

FIGURA 10: Momentos de Formação da Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiara



LEGENDA: 1, 2) Atividade de seminário sobre as temáticas ligadas a religiosidade da Casa Luz de Yorimá;
FONTE: Acervo da Luz de Yorimá. Acesso em Nov. 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

É na vivência do Terreiro, onde se experimenta em coletivo a filosofia e a ancestralidade, ao tempo que são repassados a esta e às futuras gerações os conhecimentos ensinados pela prática da oralidade. A Casa é também um espaço em que não cabe discriminações, pelo contrário, o respeito aos Direitos Humanos é uma ética estabelecida naturalmente entre seu quadro de médiuns e entre os seus consulentes e beneficiários.

FIGURA II: Atividade Cultural: oficina de cultura africana de Moçambique da Casa Luz de Yorimá Terreiro da Cabocla Jupiara



LEGENDA: 1,2 e 3) Atividade de seminário sobre as temáticas ligadas a religiosidade da Casa Luz de Yorimá;
FONTE: Acervo da Luz de Yorimá. Acesso em Nov. 2023.
Elaboração: O autor, 2023

Diante dessa conformação a diversidade das pessoas, dos grupos que buscam na Casa contato com a cidadania, é valorizada através de apoio voluntário e da solidariedade, da sociabilidade cultural, da convivência pacífica. Esta, por sua vez, promove o bem-estar humano e fortalece a preservação do patrimônio histórico das Comunidades Tradicionais de Terreiros, percebida pela expressão de sua religiosidade.

Essa condição última, também é afetuosamente promovida por meio da assistência espiritual e social à comunidade onde está inserida por meio do “corpo mediúnico formado por 60 pessoas [que] realiza giras, curas, consultas, descarrego, energização e oferendas. A casa é responsável pelo projeto social denominado “Bebê na Boa”, que se empenha em distribuir enxovais a recém-nascidos em hospitais e postos de saúde” ((IPHAN/DF, 2012, p. 219).

3.2.3 Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda¹⁸:

FIGURA 12: Mapa de localização do Centro Espirita Pai Joaquim de Aruanda



FONTE: ANJO, 2018; SEDUB-DF, 2023 **Elaboração:** O autor, 2023

¹⁸ O Terreiro está localizado na área das Embaixadas, onde também há ocupação residencial, área irregular. Para saber mais sobre o Terreiro citado, acesse: <https://centropaijoaquim.com.br/>. Último acesso em 30 out 2023.

Encravado em uma área do plano urbanístico da RA I para abrigar as instalações das embaixadas estabelecidas na Capital Brasileira, o Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda Cobra Coral, surgiu no Setor de Embaixadas Sul – SES, na Quadra 813 como “um assentamento informal [...] em meados de 1980. [...] Conhecida também como Vila das Nações ou Vila Cobra Coral, o local abriga a sede de alguns coletivos voltados à educação sociocultural e à promoção da cultura popular dentro do distrito Federal” (FIUZA, 2017, P. 9).

Os antigos fundadores da Casa, cuja Umbanda é a matriz de seu Sagrado, dedicavam o espaço, a entidade da Floresta, ao Caboclo Cobra Coral, razão que também nominou inicialmente aquela ocupação. Segundo Fiuza (2017, p. 9) aquele espaço geográfico, também conhecido como “Vila Cultural”, juntamente com as “Vilas Telebrasília, Vila Planalto e a Candangolândia, é uma das poucas áreas da cidade onde permaneceu e resistiu o urbanismo emergente¹⁹”.

Esse Espaço Sagrado é de origem afro-brasileira e seus fundadores vieram de vários estados do Brasil como Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Seguem unidos “na preservação da fé, do amor, união, respeito e disciplina” como formas de manter os “ensinamentos, orientações, questões de vida, pedidos de orações” explica Ana Nery, atual dirigente da Casa, que atualmente é consagrada a Oxalá e a Iemanjá.

Administrativamente, o espaço também segue os padrões jurídicos e tem o apoio dos demais integrantes da casa. Cerca de 80 médiuns e outros voluntários, que se organizam e rateiam os custos de toda a demanda financeira necessária a realização da natureza da existência do Terreiro. “A caridade e a fraternidade cristã são o elo entre a religiosidade e o público que a procura, cujo modo de transmissão das práticas são assim repassadas através do exemplo e da oralidade”, como explica Ana Nery:

Os ensinamentos são passados por meio das leituras de livros espirituais indicados; Palestras; Mensagens da dirigente [...]; Sessão de Desenvolvimento Mediúnico para os médiuns do grupo; Observação e vivência como camponos²⁰ (auxiliares das Entidades); na forma como tratar o público que frequenta o centro, na recepção, na sustentação dos trabalhos, na cromoterapia, radiestesia (PAI JOAQUIM DE ARUANDA).

Já o atendimento ao público que busca a espiritualidade, segundo a dirigente daquela Casa Sagrada se dá a partir do contato do consulente e beneficiário com as entidades “através

¹⁹ É aquele que resistiu a crescente demografia das cidades. Para saber mais Urbanismo Emergente acesse: <https://revistahaus.com.br/haus/reacao-urbana/acoes-de-urbanismo-tatico-podem-dar-nova-vida-ao-vale-do-pinhao/>. Último acesso em: 30 out 2023.

²⁰ Ver item 16. Termos da Umbanda.

da manifestação dos espíritos do astral, [quando] os médiuns incorporam os espíritos trabalhadores ou falangeiros que se manifestam sob a forma de Pretos Velhos, Caboclos, Mestres do Oriente, Crianças e Exus, que realizam os atendimentos e aconselhamentos”.

FIGURA 13: Vista do Congá e da fachada do Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda



LEGENDA: 1) Vista do Congá; 2) Vista da fachada;
FONTE: Acervo do autor, 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

Esses atendimentos são realizados sempre nas segundas, quintas e sábados, a partir da distribuição de uma senha, apenas para questão de ordem de chegada do público, momento em que também são dadas outras orientações. Por noite, há uma média de 200 atendimentos. Já para o trabalho social que a Instituição também oferece, dedicado a pessoas com câncer e que tem fundamento na terapia da radiestesia²¹, o acesso é livre ao paciente e acontece aos sábados pela manhã.

FIGURA 14: Jardim dos Orixás – Local de devoção do Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda



LEGENDA: 1) Entrada do Jardim dos Orixás; 2) Xangô; 3) Ogum; 4) Oxalá; 5) Yemanjá; 6) Iansã;
FONTE: Acervo do autor, 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

²¹ A radiestesia é uma terapia realizada com uso de cristais e outros elementos. Para saber mais sobre a radiestesia acesse: <https://www.aemk.org.br/>. Último acesso em: 31 out 2023.

FIGURA 15: Atividades do Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda



LEGENDA: 1) Consulentes aguardando atendimento; 2) Espaço para aplicação da radiestesia;

FONTE: Acervo do autor, 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

O Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda não realiza outros tipos de festejos para além das atividades já mencionadas acima. No entanto, uma vez por ano ocorre um encontro que se dá pelo contato com a natureza. É uma atividade dirigida apenas aos dirigentes e convidados e serve para reenergizar e limpar o corpo mediúnico da casa.

3.2.4 Tenta de Umbanda Nossa Senhora das Graças - TUNGRA²²:

FIGURA 16: Mapa de localização da Tenda de Umbanda Nossa Senhoras das Graças - TUNGRA



FONTE: ANJO, 2018; SEDUB-DF, 2023 **Elaboração:** O autor, 2023

²² Esse Terreiro está localizado em área arborizada, região de chácaras, na Vila Planalto. Para saber mais sobre o referido Espaço Sagrado, acesse: <https://tungracas.wordpress.com/>. Último acesso em: 09 nov 2023. Já sobre a questão fundiária da Vila Planalto e Chácaras daquele bairro da RA I, cuja situação ainda segue na justiça, acesse: https://www.fredericodeholanda.com.br/orientacoes/mestrado/2015_OcaranzaPachecoMatiasEnrique_os_limites_da_gentrificacao_na_vila_planalto.pdf. Último acesso em 30 nov 2023.

A Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças – TUNGRA, está localizada no setor de Chácaras Jaburu, chácara 11, uma área urbanizada da RA I, a Vila Planalto. Trata-se de um espaço geográfico que também resistiu ao urbanismo emergente. No entanto, Pacheco (2015, p. 85) aponta que no ano de 2001, “(...) uma missão da UNESCO em Brasília visitou a Vila Planalto e constatou a necessidade de um controle rígido das atividades de construções e das ocupações irregulares (...)” na área. O Objetivo era a proteção e a “(...) preservação do patrimônio histórico (...)”, complementa Pacheco.

Embora seja uma área carente de regulamentação, sua ocupação ocorre com certa anuência das autoridades, haja vista a falta efetiva de fiscalização do poder público sobre os critérios urbanísticos estabelecidos para o setor. Contudo, a parte da vegetação foi se preservando.

FIGURA 17: Vista interna do terreno da Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças - TUNGRA



LEGENDA: 1) Vista do terreno da TUNGRA, onde observamos as construções e a vegetação abundante do local.
FONTE: Do autor, 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

Essa é uma situação de privilégio para os frequentadores da TUNGRA, considerando que esse Espaço Sagrado é o que está mais próximo da natureza do que os demais centros visitados. Essa condição é considerada ideal para as Casas de Axé, uma vez que podem plantar, colher e cuidar da área verde, de onde hoje a TUNGRA tira alguns elementos para seus rituais.

Rodeada de vegetação, plantas, ervas e duas pequenas estruturas construídas. Essas construções são destinadas a parte administrativa e apoio, onde também reside uma das Mães de Santo da Casa, e a parte de cultos e atos religiosos. A TUNGRA foi fundada naquele local em 2014 e funciona para o público aos sábados na parte da tarde.

FIGURA 18: Ternário Devocional da Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças - TUNGRA



LEGENDA: 1) Ternário devocional, também chamado ternário de força da TUNGRA
FONTE: Acervo da TUNGRA na Internet, vide Nota 24. **Elaboração:** O autor, 2023

A casa recebe uma média de 100 pessoas por dia de trabalho, que são atendidas pelas entidades da Casa, como Caboclos, Pretos Velhos, Boiadeiros e Exus. O atendimento é feito por ordem de chegada, quando os consulentes são recebidos pelos Filhos de Santos²³ e nesse momento é feita a triagem. A Casa de Axé que é consagrada a Umbanda, homenageia um Ternário Devocional²⁴ fruto do sincretismo religioso, conforme figura 18 abaixo.

FIGURA 19: Vegetação e elementos sagrados da Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças - TUNGRA



LEGENDA: 1) Cruzeiro das Almas, local de acendimentos de velas; 2) Preparação do fogo para o incenso de defumação; 3) Arbusto de Alfavaca, erva usada nos trabalhos; 4) Galinha no terreiro; 5) Atabaques no terreiro;
FONTE: Do autor, 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

²³ Ver item 16 Termos da Umbanda.

²⁴ Ver item 16 Termos da Umbanda.

Esse ternário de força, como também é chamado, consolida seus consulentes àquele Espaço Sagrado e do ponto de vista da religiosidade, assiste também as demais pessoas que o procuram. Desse modo, Pai Orlando D'Ogum, Pai de Santo e dirigente da casa que existe a quase 20 anos, explica que os “(...) trabalhos são baseados na parte cristã pela força do nosso triângulo maior (Nossa Senhora das Graças, São Jorge e São Miguel), na pajelança (Caboclos), no catimbó (Boiadeiros e Malandros) e africano (Pretos Velhos)”.

Para iniciar os trabalhos, a Casa oferece a seus consulentes folhetos com pontos de umbanda²⁵ para incentivar as participações vocais nas atividades, que auxilia com suas energias na harmonização do ambiente e promove ao consulente que participe daquilo que busca. Este e outros itens são utilizados como instrumentos litúrgicos e também como forma de repassar o conhecimento, os ensinamentos filosóficos vivenciados no coletivo naquele Terreiro. Essas ações também são difundidas internamente às futuras gerações de seguidores daquele Sagrado, que atribui a cada conjunto de ações o seu guia como o “Guia Doutrinário; Guia Disciplinador; Guia Guardiã” (TUNGRA, *on line*).

As orientações doutrinárias por exemplos são “ensinamentos trazidos pelos Pretos Velhos” explica Pai Orlando D'Ogum, que assim como os demais representantes da Casa, é brasileiro de nascença. A própria Casa cuja administração legal ainda passa por ajustes, internamente seus membros têm uma organização própria que reverbera nas práticas das atividades desenvolvidas como as Giras e festejos específicos, inclusive a organização do espaço para receber seus seguidores. Esse fato dá unidade e legitimidade aquela Casa de Axé.

3.2.5 – Centro Espírita Tenda de Oxalá - CETO²⁶

Nessa descrição sobre o Centro Espírita Tenda de Oxalá – CETO, me deterei a aspectos que é de conhecimento comum. É uma casa que também realiza obra espiritual e assistencial; é um espaço de acolhimento e tratamento de saúde de idosos ao que faz esse espaço ser conhecido com a Casa do Vovô.

O espaço está localizado em área urbana destinadas as universidades, escolas e aos hospitais. O CETO tem endereço na Avenida L2 Norte, abre a assistência espiritual a todos que procuram o local. A agenda de atendimento se dá duas vezes por semana com a

²⁵ Ver item 16 Termos da Umbanda.

²⁶ O CETO está localizado em área urbana. O Local também é conhecido como Casa do Vovô. Para saber mais acesse: <https://www.instagram.com/explore/locations/275364419/ceto---centro-espirita-tenda-de-oxala/>. Último acesso em: 10 fev 2024.

realização de Giras dedicadas às entidades espirituais da casa, que também cultua a Umbanda, como sagrado. Conforme dito na metodologia, não foi possível o contato com os dirigentes o que impediu o registro de informações do local na presente pesquisa. Na figura 20 tem-se a localização do CETO.

FIGURA 20: Mapa de localização do Centro Espirita Tenda de Oxalá – CETO



FONTE: ANJO, 2018; SEDUB-DF, 2023 **Elaboração:** O autor, 2023

3.3- Elementos identitários e convergentes: as práticas assistenciais e culturais

É uma bandeirinha que sobe indicando médium livre para o próximo atendimento ou simplesmente a Entidade principal e Guia da Casa chama um a um dos consulentes e beneficiários, lhes dá as boas-vindas com a saudação de praxe e os encaminha ao médium incorporado para atendimento. Tudo isso em meio a execução dos pontos cantados²⁷, para manter a vibração energética do ambiente e a sintonia positiva das pessoas com o que foram buscar.

Mas antes, ao entoar os pontos cantados iniciais de abertura dos trabalhos, é feita uma limpeza energética das Casas por meio da defumação de todos os pontos do salão onde os

²⁷ Ver item 16 Termos da Umbanda.

rituais acontecem, dos médiuns e dos consulentes. E, além desses ritos, aqueles Espaços Sagrados têm muitas práticas em comuns ou convergentes. Ações que estabelecem todos os processos identitários marcantes no contexto da religiosidade de Matriz Africana.

A coexistência desses lugares de culto [...] reforça a imagem da diversidade religiosa afrodescendente a que nos referimos anteriormente. [...] São esses os terreiros, tomados em suas configurações particulares, nos quais, a nosso ver, o sagrado dá forma e sentido a bens e práticas culturais cujo valor patrimonial, no todo ou em parte, devemos reconhecer (IPHAN/DF, 2012, P. 23).

FIGURA 21: Vistas de Casas de Força e de Cruzeiros



LEGENDA: 1) Casa de Força e 2) Cruzeiro das Almas do Terreiro Pai Joaquim de Aruanda; 3) Casa de Força da TUNGRA; 4) Cruzeiro das Almas CEASNG;

FONTE: Do autor, 2023. **Elaboração:** O autor, 2023

Ao chegar diante de uma casa de Umbanda, de um Terreiro, de um Espaço Sagrado de Matriz Africana, pelo que percebi, há características que muito se assemelham: as construções, as estruturas e os espaços. A fachada pintada de branco a base de cal; um pequeno jardim, para aquelas casas que não estão em área de arborização abundante. Logo na entrada há duas pequenas construções: duas casinhas com telhado baixo, com uma única porta chamada de Casa de Força ou Casa das Almas²⁸. Nesse mesmo jardim também é comum ter um cruzeiro. Espaço destinado aos consulentes e médiuns para o acendimento espontâneo de velas ou por orientação das Entidades, após o atendimento.

Já em meio a área verde desses espaços ou pequenos alpendres ou varandas, nos horários definidos para distribuição de senha, há um aglomerado de pessoas, trazendo oferendas, a depender do aceite da Casa. Essas pessoas aguardam ser chamadas pelo nome, se essa for a regra, ou apenas para receber um número anotado num papel, a senha.

²⁸ Ver item 16 Termos da Umbanda.

A quietude de algumas pessoas que buscam as Casas de Axé expressa muitas coisas. Especialmente se esta está desacompanhada. Essa condição desperta o desejo do consulente de falar com outro, de estabelecer contato, uma troca, de autoajuda. É aquele momento mútuo de acolhimento: este é o propósito daqueles Espaços Sagrados em pleno acontecimento. Senti a caridade exalando e promovendo elo, antes mesmo desses se colocarem diante das Entidades espirituais. Mas o próprio silêncio já pode marcar o início do processo de busca interior.

FIGURA 22: Oferendas na Casa Luz de Yorimá



LEGENDA: 1, 2) Oferendas em momentos festivos da Casa Luz de Yorimá;
FONTE: Acervo da Casa Luz de Yorimá; **Elaboração:** O autor, 2023

Ao entrar no salão de ritos e cerimônias, e, embora em algumas das casas seja um ambiente de pouca estrutura, pois trata-se de uma pequena Casa, espaço em construção ou adaptação, mas nada lá é improvisado. De longe já percebi o Congá ornamentado com as representatividades do panteão do referido Espaço Sagrado. As flores, as velas, os recipientes com água, os elementos juntos das oferendas, frutas de várias espécies e iluminação especial, dão a Casa de Axé um colorido que pode se confundir com o amanhecer ou ao entardecer. As esculturas representativas de seu panteão também ilustram o sincretismo religioso.

Já sentados no salão para o Ato cerimonial de abertura, em algumas casas separados por gênero e em outras misturados, os consulentes, beneficiários se concentram naquilo que buscam, pois, a cerimônia já vai começar. Basta que o cerimonialista, muitas vezes representados pelo(a) próprio(a) dirigente do Terreiro, chama atenção de todos e então, a partir da leitura de uma mensagem tiradas de literaturas atribuídas a outras religiões, mas também emanadas pelos Espíritos e Guias da Casa, iniciam os trabalhos daquela noite. Antes,

acontece de fornecerem algumas informações sobre o funcionamento das atividades da casa, ou mesmo retornos sobre projetos e outros assuntos relevantes.

Em relação a figura do Ogã²⁹, que em algumas casas também pode ser o condutor do rito, reverenciando aos Santos da Casa. Começa a cerimônia entoando os pontos de umbanda, outra denominação dada aos pontos cantados específicos para esse momento. Os atabaques, por meio de sua onda de energia gerada no momento em que são tocados, fazem os corações vibrarem e pulsarem no mesmo ritmo.

FIGURA 23: Vista do Terreiro da TUNGRA



LEGENDA: 1) Árvores com traços de velas de oferendas; 2) Casa de força; 3) Fachada; 4) Congá;
FONTE: Do autor, 2023; **Elaboração:** O autor, 2023

Os médiuns já enfileirados, posicionados em pontos riscados³⁰ da Casa e com seus cambonos³¹ de prontidão, com tudo que a Entidade poderá precisar durante os atendimentos dos consulentes. Então, vem o ancião da casa ou dirigente, concentra sua energia na espiritualidade, pede permissão aos Orixás³² e incorpora a entidade mestra daquela Terreiro, cumprimenta os Elementos Sagrados daquele lugar e então dá licença a todos os outros médiuns para incorporarem as suas referidas Entidades.

As Entidades incorporadas aos médiuns são de acordo com o estabelecimento da Gira do dia que podem ser: Gira de Caboclos, Gira de Pretos Velhos, Gira de Erês, Gira de Orientes e Ciganos e Gira de Exus e Pombas Giras ou Giras festivas, como por exemplo o dia da Umbanda ou em homenagem a um Orixá. Para cada Gira³³. Em alguns Espaços

²⁹ Ver item 16 Termos da Umbanda.

³⁰ Ver item 16 Termos da Umbanda.

³¹ Ver item 16 Termos da Umbanda.

³² Ver item 16 Termos da Umbanda.

³³ Ver item 16 Termos da Umbanda.

Sagrados, os médiuns estão a caráter, bem como na maioria das vezes estão vestidos de branco e sempre muito envolvidos de suas guias de contas³⁴, adereços e adornos protetores e de muito valor e expressão da religiosidade dos Povos de Matriz Africana.

FIGURA 24: Mesa de oferendas no CEANSG



LEGENDA: 1) Mesa de oferendas em dia festivo no CEANSG

FONTE: Do autor, 2023; **Elaboração:** O autor, 2023

A depender da Gira, as Entidades também podem fazer usos de folhas e galhos de árvores, cachimbos e bebidas alcóolicas. Esses dois últimos elementos, ao contrário dos estereótipos equivocados e razão geradora dos preconceitos, auxiliam diretamente no fator etéreo da ação e da manipulação das energias densas dos consulentes, beneficiários. Ou seja, são usados na purificação e na limpeza³⁵ dos corpos, das mentes e do ambiente físico.

A Gira começa e a toada dos atabaques juntamente com os pontos cantados fazem pulsar no físico dos consulentes, beneficiários. A energia do lugar e a vivacidade, a esperança, a singularidades e, principalmente a fé é exalada até mesmo pelo silencio daquele, daquela que está ao seu lado, esperando o momento do seu nome ou seu número de sua senha ser chamado. Então vem o alívio, momento que se é deixado a perceber, por aquele(a) que busca o apoio espiritual, que sabe que será recebido, acolhido, ouvido, aconselhado, ajudado, por aquela Entidade com quem, em muitos casos, o consulente já criou grande afinidades e sabe o papel dela para si perante o Numinoso.

³⁴ Ver item 16 Termos da Umbanda.

³⁵ Para saber mais sobre o processo de limpeza e manipulação das energias densas dos consulentes, acesse: <https://almadepoeta.com.br/por-que-as-entidades-fumam-e-bebem/>. Último acesso em: 16 nov 2023.

O atendimento, a Gira finda e aquela vivência sagrada e individual, ímpar e profundamente significativa para quem a buscou, não cabe interpretações e nem tampouco racionalizar. Pois só a experiência de ouvir a Entidade, seja ela qual for, é capaz de colocar a pessoa em processo de reflexão e conexão atemporal que “diante do sentimento que emerge na presença do Numinoso, mesmo com toda a dedicação e esforço racional, compreendê-lo e explicá-lo são empreitadas em vão” (SANTOS, E, 2016, p. 4).

As Casas vão se esvaziando. O contentamento é geral, tanto de quem busca o contato com os espíritos, quanto por parte daqueles que emprestaram o seu corpo físico, e se conectaram com a densidade do encarnado com a sutileza da espiritualidade invocada, acreditada e profundamente respeitada. Aos que ficaram com alguma tarefa, como acender velas, não de fazer sua parte, na sua intimidade. Aos que são convidados a retornar outro dia, já sai desejando esse retorno. Todos saem confiantes, embalados pela fé, exalando aos quatro ventos o teor da defumação, iniciada desde o início dos trabalhos, impregnada nos seus corpos.

3.3.1 Os festejos, as ações culturais associadas à assistência espiritual e religiosa

A valoração da expressão religiosa dos Umbandistas advém dos seus ancestrais, cujas práticas, estão conectadas aos festejos e as ações culturais desenvolvida em meio às comunidades. Nelas compartilham seus territórios, suas identidades, seus saberes, suas culturas e suas vivências. Tudo em meio a religiosidade, ponto que também marca as práticas do bem comum.

Dessa forma, é possível reconhecer a formação de uma identidade cultural no espaço [...], tendo uma manifestação cultural negra como [...] referência identitária. Além disso, [...], por meio de suas práticas, definem territórios com características próprias, ricas em significados, símbolos e histórias de vida comuns, criando um sentimento de pertencimento de seus fazedores e das comunidades locais, definindo, assim, uma identidade territorial (FERREIRA C, 2016, p. 21).

Na maioria dos Espaços Sagrados visitados nesse trabalho, embora possuam conexões em comum vinculadas ao conjunto de culturas ancestrais, as festas são elemento comum apenas quando homenageiam o Panteão das Casas Sagradas. Elas são, em maioria, dedicadas a um Orixá ou sua representatividade no sincretismo religioso, a exemplo, o dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil para os Católicos, e Oxum, a Orixá dos rios e cachoeiras, para os adeptos da Umbanda.

De modo geral, nesses festejos as Casas de Axé estabelecem um profundo vínculo com seus consulentes e com a comunidade onde estão inseridas, pois de alguma maneira difundem a sua religiosidade, a sua fé, os laços entre os consulentes e o papel espiritual da casa, por meio de ações ligadas a caridade, atitude mútua entre instituição e comunidade.

Porém, há Casa de Axé que também promovem outras ações que agregam e promovem o vínculo dos consulentes a religiosidade, a caridade, a cidadania. É o caso da Casa Luz de Yorimá, que além de casa religiosa, abriga um ponto de cultura e promove junto à comunidade outras atividades como a celebração da Festa Junina, roda de jongo, e outras ações culturais, para além das ligadas ao seu panteão. Essas ações fortalecem a tradição, estabelecem o território e o sentido de territorialidade. Se impõe como referência dos diversos grupos formadores da juventude e da diversidade brasileira a despeito do que trata a Constituição do Brasil de 1988, em seus Artigos 215º e 216º, quando falam sobre os direitos culturais:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais; Art. 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. § 1º - O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. § 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem. § 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais. § 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei. § 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

Embora algumas Casas de Fé de Matriz Africana, não insiram em seu calendário festivo outros Atos para além daqueles ligados aos seus Panteões, não significa que elas não se sintam parte do processo de aprofundamento cultural. Conforme diz Guran (2017, p. 218) em artigo para a Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, “a longa trajetória da matriz africana pelo seu reconhecimento patrimonial como uma das condições para o exercício pleno da cidadania é marcada (...) pela luta política e resistência cultural dos afrodescendentes”.

3.3.2 Os saberes associados

A oralidade até hoje é uma prática muito utilizada para a transmissão de conhecimentos nos Povos e Comunidade de Matriz Africana. Entretanto, os ensinamentos e conhecimentos repassados quase sempre não estão registrados e nem sistematizados em meio material. Ao conversamos com um Pai de Santo ou com uma Mãe de Santo³⁶, é fácil identificar o que é expresso por essas pessoas, em seus conselhos, suas conversas “soltas”, aparentemente sem propósito, mas na verdade é algo singular e que não está escrito em lugar algum. E, mesmo quando algo é dito com muita amorosidade, determinadas palavras, ensinamentos, podem doer. Essa sensibilidade é em razão do que, desprovidamente lhes é perguntado; pode ser também pela negligência das responsabilidades das pessoas, para consigo ou com os outros, no cotidiano existencial. É essa tecitura da fala, do jeito da aproximação, que só um pai e uma mãe têm com seus filhos. Essas atitudes têm sido aprendidas ao longo das experiências daqueles pais e mães de santo com a espiritualidade, com a vida.

Então, na verdade o exemplo prático que advêm da fala, do respeito para com aqueles, ou mesmo com uma caminhada profícua, são um dos saberes em que os umbandistas mais atribuem valor. Outras práticas advêm do contato com os espíritos, então incorporados aos corpos dos médiuns. A exemplo, estão a indicação de chás e banhos com raízes, e as práticas de passes por imposição das mãos, onde as energias são canalizadas e transmutadas. No entanto, nas instituições que percorri, durante as minhas visitas, pouco identifiquei essas práticas acontecendo. Porém, é importante registrar que parte dos atendimentos e conversas são feitas de forma individualizada, intimista. Portanto, o que relato é a parte visível do processo e não necessariamente a audível.

Também pude observar que essas indicações citadas acima acontecem por iniciativa das Entidades Espirituais incorporadas aos médiuns, em atendimentos aos consulentes e beneficiários dos Espaços Sagrados ou no desenvolvimento das práticas da caridade, como o acolhimento e a escuta, nesse caso, por parte dos dirigentes das Casas.

Tudo isso se configura também como forma de auxílio as pessoas com alguma doença física. Nesses casos são utilizados itens da natureza como os cristais e outros utensílios, a exemplo da técnica denominada radiestesia, uma técnica de sintonização da energia sutil. Essa prática é oferecida pelo Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda a pessoas com diagnóstico de câncer. Também são utilizadas folhas, fumaça e marafo³⁷, elementos que também auxiliam na sutileza das energias densas dos consulentes.

³⁶ Ver item 16 Termos da Umbanda.

³⁷ Ver item 16 Termos da Umbanda.

A pouca aplicação desses saberes e dessas práticas ancestrais como auxílios efetivos ou o simples fato de assumi-las ou não, mostra a possibilidade de que haja razão por se tratar de um contexto urbano no qual os Terreiros de Umbanda estão localizados atualmente. Nessa ótica, onde muito saberes ancestrais são esquecidos, invisibilizados ou são silenciados, que segundo Rohde (2010, p. 85) “estamos atravessando um período de muitas incertezas”. Isso talvez se deva em face a um processo capitalista dos meios técnicos, científicos e informacionais (SANTOS, 1988) “que pode ser solucionada a medida em que a ciência abrir sua capacidade cognitiva para os saberes que estão fora da universidade (...)” complementa Rohde.

Ainda é possível que esses saberes sejam empregados, em alguns casos quando dos festejos que as casas realizam e, nesse sentido, unem fé e gastronomia. Assim o sabor fala mais alto e então o voluntariado é agregado a esse processo, momento em que as pessoas se associam as Casas, oferecem seu tempo, seu talento na produção de alimento que será vendido ou ofertado aos consulentes, beneficiários em razão da homenagem a um Orixá, como a Ibejada³⁸ ou aos Guias. Esse momento festivo agrega a comunidade umbandista em torno daquela Casa de Santo.

3.4- Umbanda

Antes de iniciar esse trabalho a proposta estava conformada no mundo das ideias. Fato é que durante seu andamento, na sistematização das informações após ida a campo, fiz alguns ajustes. Ou seja, nas conversas com os dirigentes e representantes das Instituições e consulentes beneficiários, me deparei com uma situação, ao menos para mim, uma surpresa: foi o fato de que as cinco Instituições encontradas na RA I, do Plano Piloto, todas elas são consagradoras da Umbanda. Dessa forma, foi necessário que houvesse ajustes na pesquisa conforme já relatado.

Foi essencial para esse trabalho ter a anuência dos dirigentes e representantes daquelas Casas de Fé, no sentido de me conceber a oportunidade de conversar com seus consulentes dentro dos espaços da própria Instituição, além de fazer os registros fotográficos necessários. O intuito era evitar algum tipo de descontentamento ou insegurança aos entrevistados, dado a sensível situação de preconceito e intolerância religiosa que essa população sofre em nossa sociedade.

³⁸ Ver item 16 Termos da Umbanda.

Assim, foquei com maior critério e liberdade a pesquisa na Umbanda, que durante minhas rotinas em campo entendi ser “como um universo complexo e plural” (ROHDE, 2010, P. 92), por tanto, para compreendê-la exige-se ir muito além do que “entender o processo de constituição desse universo a partir da referência exclusiva ao momento fundador” da Umbanda. Contudo, percebi nas casas de Umbanda que visitei a presença majoritária de pessoas brancas e pardas e em minoria observei um contingente de pessoas pretas. No entanto, para uma religião de Matriz Africana, é no mínimo intrigante essa conformação.

Reafirmo que não estou querendo dizer que não houve uma grande virada, uma transformação importante no universo da umbanda mediante a influência dos grupos de intelectuais da classe média oriundos do kardecismo e da modalidade de culto organizada por eles. O que defendo é que essa modalidade de culto, conhecida como umbanda branca ou pura, não pode emprestar a história de sua constituição, seu mito de fundação, suas crenças e práticas a uma compreensão da totalidade do complexo fenômeno umbandista, como vem sendo feito indiscriminadamente por adeptos da umbanda e, o que me parece ainda mais preocupante, por estudiosos que poderiam aprofundar suas pesquisas em perspectivas não consensuais sobre esse universo (ROHDE, 2010, p. 93).

Posso dizer que a localização desses Espaços Sagrados em área nobre do Plano Piloto pode trazer certo conforto, segurança e nenhuma atitude de preconceito religioso aos consulentes. Destes pude conversar com diversos que moram fora da RA I, que residem por exemplo no Gama e em Taguatinga que são outras RAs do DF, ambas localizadas a mais de 15 km da RA I e em Formosa, município goiano, localizado quase 80km do da RA I, do Distrito Federal.

Nas minhas visitas, as quatro casas de Umbanda, pude observar que os espaços estão sempre bem cheios e movimentados. E o que move tanta gente a esses espaços? O diálogo com Rohde (2010) pode ajudar a esclarecer:

A umbanda é um fluxo humano-espiritual-natural-universal; só tem limites quando olhamos para ela procurando por um limite - construindo-o com o olho. Ela não se define por si, só tem definições atribuídas. A umbanda não tem uma estrutura evidenciável; podemos evidenciar infinitas estruturas no grande contexto do universo umbandista. Pois precisamos ter em conta que esse universo é vivo, contém a ação, o movimento, e, portanto, fornece as condições e a própria necessidade de renovação, de transformação, de expansão, de evolução constante, permanente. Portanto uma abordagem aberta e dinâmica da umbanda deve ter como foco não as distinções que estabelecem o correto e o incorreto, o que está dentro e o que está fora, mas sim o próprio jogo complexo que permite a diferença, a transformação, que contém potencialmente toda a existência humana. A umbanda é estada e transformação, imagem e ação, abertura e movimento. A umbanda é um fluxo. A umbanda é (ROHDE, 2010, p. 85).

Contudo, está implícito às Casas de Umbanda que são Espaços Sagrados e que são o elemento central de atração a população aos festejos, as Giras e as demais ações de caridade desenvolvidas junto a seus consulentes e beneficiários.

3.4.1 O sincretismo e a intolerância religiosa

É sabido que em razão do colonialismo europeu sobre os Povos Originários do Brasil e mais tarde sobre os Povos Africanos aqui escravizados, tentou-se, naquela época pelo catolicismo, doutrinar esses povos como se eles próprios não tivessem suas divindades. O seu panteão perfeitamente harmônico com a natureza, “isso porque os deuses africanos são parte da nossa existência e da nossa realidade, eles estão a nossa volta e fazem parte de tudo o que somos” (AZEVEDO, 2010, p. 99).

Então, face as proibições impostas aos negros sobre cultuarem suas divindades, e de acordo com Santos F. (2014, p. 70), em que perfazendo o pensamento de Sanchis (1997) diz que “a compreensão da tendência à pluralidade [religiosa] no Brasil pode ser examinada através da história de sua formação em relação ao catolicismo”, pois o sincretismo religioso, fator de proteção dos cultos dos africanos, promoveu “(...) um espaço amplo de encontro com as diversidades, possível pela aproximação de três povos desenraizados” complementa Santos F.

Com o estabelecimento do movimento sincrético religioso entre o panteão dos povos originários do Brasil, dos povos africanos e do europeu católico, houve uma convivência de maneira desigual e assimétrica, conforme a seguinte afirmação:

“(...) este encontro não se deu de forma igual, sendo, em uma escala macro, perceptível a apreensão das desigualdades estimuladas, a reprodução da dominação e a produção de verdadeiros etnocídios. Ocorre que, em um ponto de vista micro, foi possível a existência do jogo de identidades, nunca unificadas em sua totalidade. [...]. Ademais, a relação de assimetria, cujos efeitos na realidade social, foram acompanhados de mascaramento, pouco a pouco se estabeleceu pontos de porosidade e contaminações mútuas. Isso se relaciona com as tradições africanas que foram introduzidas em meio a um amplo processamento das diferenças: o catolicismo [e a pajelança]” (SANTOS F., 2014, p. 70). Grifo nosso.

No curso do tempo ocorria o sincretismo e o caráter dominante do catolicismo era visível. Institucionalmente a Igreja Católica tinha a seu favor, as autoridades, a sociedade, e as Leis estabelecidas. Aos negros africanos, aos afrodescendentes e afro-brasileiros inexistia a liberdade de culto a suas divindades.

Entretanto essas práticas se davam restrito ao espaço das senzalas. O medo da repreensão era marcante – comportamento parecido ao que hoje existe nas pessoas cuja fé tem

origem nos preceitos de Matriz Africana. Observei nas atividades de campo que o silêncio dos consulentes e dos representantes das instituições sobre os ritos, da Matriz Africana. Tal atitude pode ser justificada pela necessidade de proteção da fé, dos espaços sagrados e de si próprio:

“É bem sabido que a escrita é uma porta que podemos abrir de nossa alma para os curiosos e interessados, mas que a totalidade da casa de nossa alma não é mostrada no primeiro olhar do visitante... Então talvez sejam necessárias muitas palavras para dizer pouca coisa, ou então pouquíssimas palavras para dizer muita coisa, ou não dizer nada, para dizer tudo. O cientista passa por esse desafio: tem as coisas em sua cabeça, em sua alma, em seus sentimentos, em suas convicções, em seus movimentos, mas precisa, além de tê-los, mostrá-los de uma maneira codificada, cheia de critérios de padronização para obter um suposto entendimento-crítica de seus pares, uma leitura enfim” (ROHDE, 2010, p.21).

Na leitura do contexto das religiões de Matriz Africana, como a Umbanda, verifiquei aspectos como a intolerância e o preconceito racial existentes ainda hoje. Essas remontam desde quando o invasor português aqui aportou, violentou as formas autóctones de vivenciar o Numinoso. Não satisfeitos, promoveram a diáspora africana, usando da mesma violência de outrora e que ainda hoje marca as desigualdades sociais deste País.

3.4.2 O Recorte Racial e Religioso

As experiências de fé percorridas por muitos no Brasil e no mundo, tem particularidades que só quem vivência e experimenta a imersão na vida religiosa é capaz de expressar a imensidão que isso representa. Para cristãos, tibetanos, budistas, hinduístas, mulçumanos, judeus e adeptos de outras religiões só precisam adorar o seu panteão ou o seu Deus único.

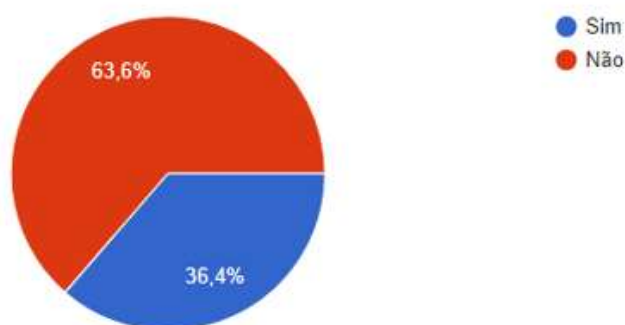
Para os adeptos das religiões de Matriz Africana, a exemplo dos umbandistas, candomblecistas e praticantes do Tambor de Mina, para além da dedicação às ações ligadas a religiosidade, esses grupos ainda precisam se preocupar também com a expressão da sua fé. O local e o momento para essa expressão são considerados como fator de segurança. Individual ou coletivamente as pessoas sofrem preconceito ligadas a raça, a cor da pele e da religião quando o significativo é o acolhimento às diversidades identitárias brasileiras.

No ambiente brasileiro, frente ao processo que visou apagar o pertencimento étnico, formou-se o tipo “negro” desenraizados de suas origens, mas francamente relacionado a um modo de vida que, não obstante as vicissitudes impostas, foi central na constituição brasileira, seja na culinária, música, línguas e artes diversas (SANTOS F., 2014, p. 117).

Nesse sentido, abro espaço para as informações sobre recorte racial ligado à religiosidade de Matriz Africana - em especial os umbandistas – obtidas por meio da pesquisa de campo. Fui aos Espaços Sagrados da Umbanda e apliquei questionários aos consulentes presentes, que após me apresentar, e mediante uma conversa prévia, onde aproveitei para falar sobre o trabalho e do aval da Instituição, se sentiram confortáveis em participar da pesquisa. Alguns dados, na totalização podem dar maior que 100%. Isso se explica em função do número de respostas serem ímpar. As respostas seguem abaixo.

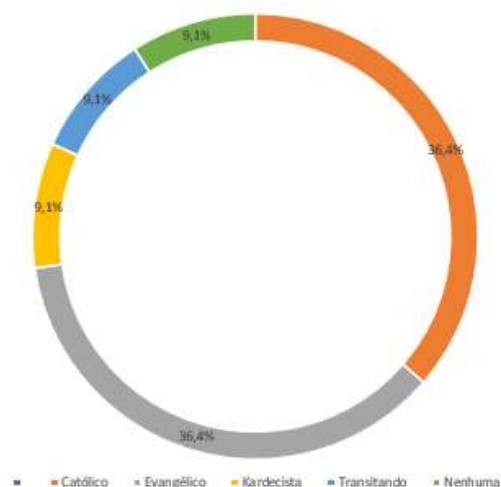
Também previamente o questionário traz uma questão em que reforça a indicação de que Espaço Sagrado aquele consulente participa. Na sequência, quando perguntei aos consulentes, se são praticantes da religiosidade de Matriz Africana, a resposta para 63,60% dos entrevistados foi não, e para 36,40% dos entrevistados a resposta foi sim, conforme trago na Figura 24 abaixo.

FIGURA 25: Você é praticante da religiosidade de Matriz Africana?



FONTE: Do autor, 2023; **Elaboração:** O autor, 2023

Seguindo o roteiro, ao perguntar aos consulentes sobre qual sua religião antes da Matriz Africana, tive uma profusão de respostas. Segundo a Figura 26 abaixo, as respostas foram para 36,4% dos entrevistados que eram cristãos católicos, o mesmo percentual para cristão evangélico. Já para 9,1% dos entrevistados frequentavam o kardecismo, que também se denomina uma religião de base cristã. Outros 9,1% transitam nessas religiões, inclusive na Matriz Africana, enquanto outros 9,1% se dizem não pertencerem a nenhuma denominação.

FIGURA 26: Antes você foi praticante de outra religião? Se sim, qual?

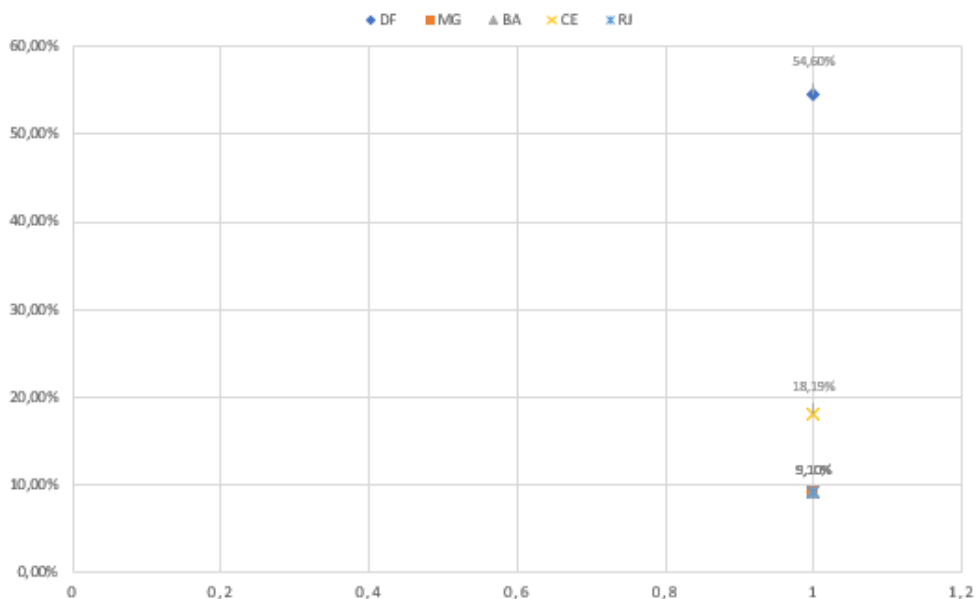
FONTE: Do autor, 2023; **Elaboração:** O autor, 2023

Esses dados contrastam com os trazidos na Figura 24. Ora, se 63,6% dos respondentes disseram não serem praticantes da religiosidade de Matriz Africana, como explicar, pela Figura 26, a presença de 9,10% dessas pessoas nos Espaços Sagrados da Umbanda, sendo que elas não reivindicam nenhuma religiosidade? Outra curiosidade é, porque 9,10% dos respondentes estão transitando entre as denominações cristãs e de Matriz Africana?

Então, diante do exposto, o que considerar nesse comportamento? O que pensar sobre o que levam essas pessoas a estarem nas Casas de Terreiro? Eles nutrem simpatia pelas práticas ancestrais de origem africana, afrodescendente e afro-brasileira? Por que eles não assumem essa devoção? Será que a resposta para esse comportamento arredo não tem fundamento no preconceito vinculado a Umbanda no sentido do que ela representa enquanto religião e religiosidade?

Quando afirmo sobre a própria Umbanda, me refiro com base nas conversas com os consulentes, que muitos deles não são moradores da RA I, Plano Piloto, espaço geográfico das Casas que frequentam. Essa foi uma percepção empírica, de modo que ela não consta do questionário disponibilizado as respostas dos consulentes. No entanto, consulto sobre suas origens. Se são do DF ou de outro estado da federação. E as respostas foram as seguintes:

FIGURA 27: Suas origens são do Distrito Federal ou de outro Estado do Brasil? Se de outro Estado, qual?

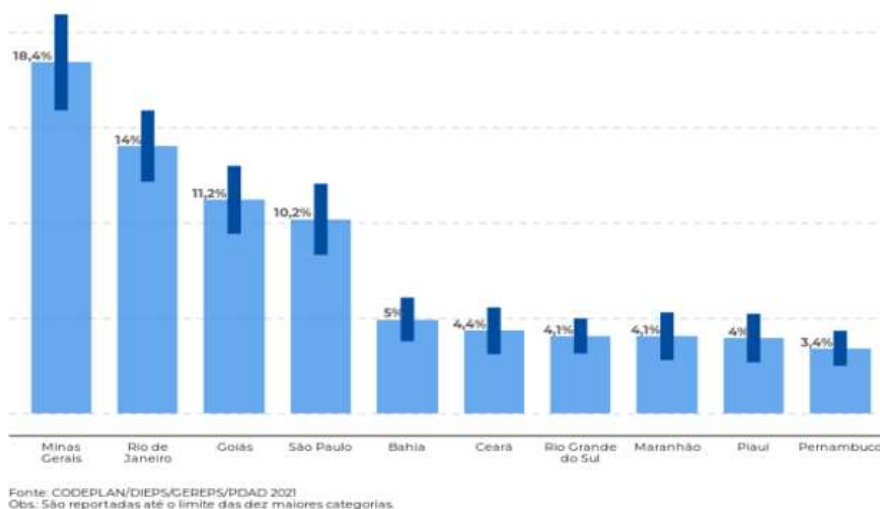


FONTE: Do autor, 2023; **Elaboração:** O autor, 2023

Para 54,60% dos consulentes das casas visitas são de origem do DF. Mas não necessariamente da RA I, haja vista o que relatamos acima, sobre pessoas com quem conversamos virem de Taguatinga, do Gama e até de Formosa, cidade do Entorno do DF. Já para 9,10% dos respondentes se disseram ser de origem da Bahia, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Enquanto outros 18,19% disseram ser do Ceará. Isso é o que remonta a Figura 27 abaixo.

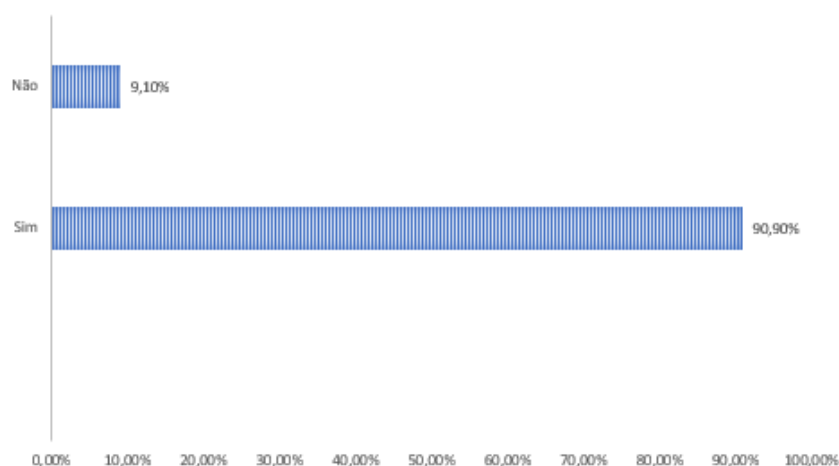
As respostas dos consulentes na Figura 27 acima se propõe fazer a seguinte comparação com os dados trazidos pela PDAD-DF de 2021, em que aponta exatamente dentro das 10 maiores categorias reportadas na referida PDAD, a estratificação apresentada na Figura 27 dessa pesquisa, no que se refere a origem dos consulentes. É o que apresento na Figura 28 abaixo. Onde os mineiros configuram com 18,4%; os cariocas 14%; os baianos 5%; e os cearenses com 4,4%.

Quando perguntei, aos consulentes, se participavam das atividades, festejos, práticas, rituais e atividades beneficentes, a resposta foi positiva para 90,9% dos entrevistados, e para 9,10% foi negativa, conforme Figura 28 abaixo. Depreende-se que são frequentadores da Casa e não estão ali apenas para uma atividade esporádica.

FIGURA 28: Principais estados de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF, Plano Piloto, 2021

FONTE: CODEPLAN-PDAD, 2021; **Elaboração:** O autor, 2023

Quando perguntei, aos consulentes, se participavam das atividades, festejos, práticas, rituais e atividades beneficentes, a resposta foi positiva para 90,9% dos entrevistados, e para 9,10% foi negativa, conforme Figura 29 abaixo. Depreende-se que são frequentadores da Casa e não estão ali apenas para uma atividade esporádica.

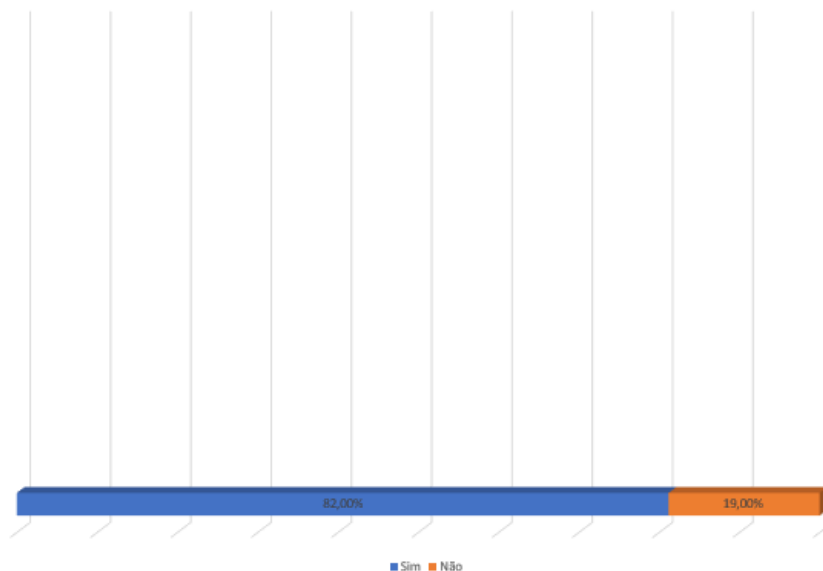
FIGURA 29: Você participa das atividades, festejos, práticas, rituais, atividades beneficentes oferecidas pela casa/grupo que você frequenta?

FONTE: Do autor, 2023; **Elaboração:** O autor, 2023

Observa-se que a Figura 25 acima, onde 63,6% dos consulentes dos Espaços Sagrados visitados responderam que não são de Matriz Africana e que 9,10% deles, conforme a Figura 26 não reivindica nenhuma religiosidade, além disso ao analisar a Figura 30, abaixo, que revela

as respostas dos mesmos consulentes quando perguntados se também buscam assistência espiritual naqueles Terreiros de Umbanda, as respostas de 82% dos entrevistados foi sim e apenas 19% disseram não.

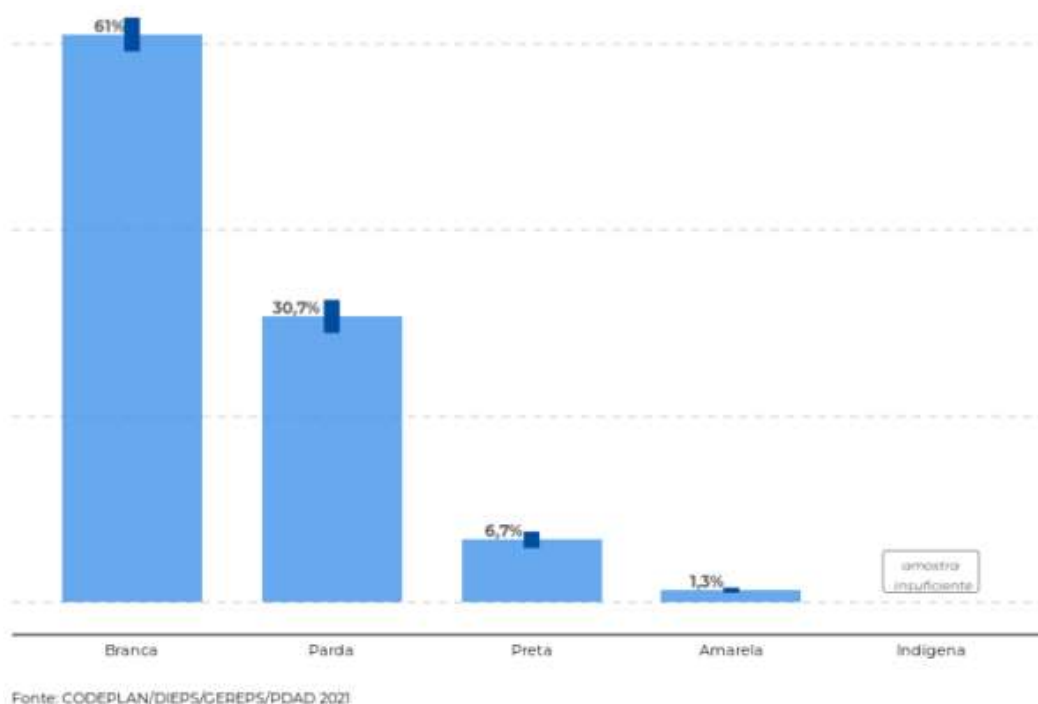
FIGURA 30: Você também busca assistência espiritual na casa de Matriz Africana que frequenta?



FONTE: Do autor, 2023; **Elaboração:** O autor, 2023

Esses dados remetem novamente a vários questionamentos: porque essas pessoas frequentam os Espaços Sagrados da Umbanda, mas não reivindicam essa religiosidade? Será que ausência dessa declaração mais efetiva não tem relação com medo da intolerância religiosa e de represálias sociais, fruto do preconceito arraigado na sociedade?

Outro ponto importante é que conforme a Figura 30 revela que 82% dos consulentes respondem que buscam assistência espiritual nessas Casas, o que pode ser inferida a existência de um vínculo efetivo com essas casas, mesmo que esses consulentes afirmem não serem seguidores do sagrado da Umbanda. Afinal, elas conhecem a programação dos eventos sociais e espirituais e religiosa das casas que frequentam. Ademais, ao considerar o seguinte fenômeno das efetivas territorialidades que esses Espaços Sagrados promoveram nesses territórios, assim encontra-se a resposta no fato de que essas casas estejam em funcionamento a muitos anos e no mesmo local, influenciando, congregando outros públicos da RA I.

FIGURA 31: Distribuição da população por raça/cor da pele, RA I, Plano Piloto, 2021

FONTE: CODEPLAN-PDAD, 2021; **Elaboração:** O autor, 2023

Ao observar a Figura 30, com os dados ainda da PDAD-DF 2021, sobre a distribuição da população por raça e cor da pele na RA I, Plano Piloto, onde 61% dos moradores da RA I são de cor de pele branca, outros 30,7% são pardos e os demais 6,7% são de cor de pele preta, outrossim, 1,3% se declararam de cor de pele amarela. A pesquisa não alcançou os indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da religião é complexo e demanda um tempo considerável, a depender do recorte da investigação e dos objetivos a que se propõe. No caso, o estudo das religiões de Matriz Africana teve o intuito de fazer uma discussão de modo a contribuir na redução dos preconceitos e estereótipos que persistem em relação às expressões dessa religiosidade a partir da hipótese de que os espaços sagrados dos Povos e Comunidades de Matriz Africana possuem grande importância para as comunidades onde estão inseridas. Tanto pelo papel da religiosidade, quanto pelas práticas culturais, assistenciais e de acolhimentos que desempenham nesses territórios.

Para verificação dessa afirmação objetivei analisar o papel da religiosidade nos Espaços Sagrados de Umbanda enquanto elemento central que atrai a população aos rituais sagrados. E por meio de revisão bibliográfica e das atividades de campo defini três objetivos específicos a seguir.

No primeiro objetivo busquei identificar e mapear a geografia dos territórios sagrados dos umbandistas localizados na RA I, Plano Piloto, no Distrito Federal. A constatação inicial foi a de que todos os Espaços Sagrados de Matriz Africana, existentes na RA I, cultuam a Umbanda. Em seguida elaborei a representação cartográfica com a localização das casas umbandistas, seus respectivos nomes, a data de fundação, os ritos, as atividades desenvolvidas por cada uma delas, além do registro fotográfico.

São cinco Instituições instaladas na RA I: Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória - CEANSG; Casa Luz de Yorimá – Terreiro da Cabocla Jupiará; Centro Espírita Pai Joaquim de Aruanda; Tenda de Umbanda Nossa Senhora das Graças - TUNGRA; e Centro Espírita Tenda de Oxalá - CETO. Estando em seus respectivos endereços a pelos menos 14 anos, o que expressa o estabelecimento de um território permanente voltado à prática religiosa. Isso repercute na transmissão das tradições, na criação e fortalecimento dos vínculos com a comunidade local, os consulentes e as demais pessoas que procuram os espaços por razões diversas.

A investigação me permitiu concluir que esses Terreiros possuem significado central para a comunidade onde estão inseridos e outras geograficamente mais distantes, pois a localização privilegiada também enseja na segurança dos adeptos das Casas que não sofrem represálias sociais e podem exercer a sua religião de forma segura.

No objetivo seguinte identifiquei os elementos identitários constituintes dos grupos, consagrados à Umbanda na RA I, Plano Piloto, no Distrito Federal. Nas atividades de campo

verifiquei que esses elementos são as práticas, os saberes associados às expressões de religiosidade, fatores que também exercem fundamental importância para o Povo de Axé, de luta, de força, de resistência, elementos também centrais na identidade desses grupos.

No último objetivo procurei descrever as práticas e os saberes associados às expressões de religiosidade da Umbanda, na RA I, Plano Piloto, no Distrito Federal. Identifiquei a prática da caridade por meio de ações sociais como bazar, festejos, onde angariam dinheiro para custear os projetos que desenvolvem. Também identifiquei a prática espiritual através dos atendimentos aos consulentes por meio das Giras e festas de Santos e outros rituais onde o Sagrado é o mote. E também mediante outras atividades, como as culturais, onde rodas de jongo, seminários agregam muito as pessoas em volta daqueles Sagrados, tornando aquelas Casa um importante ponto de apoio a comunidade onde estão inseridas.

Os processos filosóficos por meio dos ensinamentos e das iniciações àquela ordem religiosa são transmitidos às futuras gerações por meio das liturgias e do exemplo. Observei que a religiosidade exerce papel central que atrai a comunidade aos rituais Sagrados.

Nessa pesquisa estabeleço uma pausa que agora representa a sua finalização – na graduação. Entretanto, abre-se a possibilidade da continuidade de outras linhas de investigação, em um possível mestrado, quanto a outras discussões vinculadas à religiosidade de Matriz Africana. Entendo que a continuidade desse estudo seja necessária, pois produz conhecimento que fortalece o debate afeto ao tema, aqui tratado, e avança no enfrentamento ao preconceito e à intolerância contra religiões afrodescendentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo. (In). **GeoTextos**, vol. 18, n. 2, dezembro 2022. Páginas 231-254. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/52226/28014>. Último acesso em: 23 set 2023.

ATLAS DE FESTAS POPULARES DE GOIÁS. (Org.) Maria Geralda de Almeida; autores, João Guilherme da Trindade Curado ... [et al.]. Goiânia: Gráfica da UFG, 2015. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/Atlas_de_Festas_Populares_de_Goias_28-04-2015.pdf. Último acesso em: 02 out 2023.

AZEVEDO, Janaina. **Orixás na Umbanda.** São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

BARROS, Sullivan Charles. Geografia mítica da umbanda: usos e apropriações simbólicas dos espaços urbanos. **Espaço & Geografia**, Vol.10, N. 1 (2007). (Tese Mestrado) UNIEURO – Programa de Mestrado em Ciência Política com foco em Direitos Humanos, Cidadania e Estudos de Violência. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegrafia/article/view/39787/30918>. Último acesso em: 05 out 2023.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Último acesso em: 13 out 2023.

_____. **Decreto n. 119-A** de 7 de janeiro de 1980. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm. Último acesso em: 13 out 2023.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?format=pdf&lang=pt>. Último acesso em: 01 dez 2023.

CALGARO, Cleide; SOUZA, Aulus Eduardo Teixeira de; e SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes. O Povo do Ashê: a importância das religiões de matriz africana para preservação da biodiversidade ecológica, cultural e socioambiental. **Revista Paradigma**, Ribeirão Preto - SP, a. XXVI, v. 30, n. 2, p. 224-245 - maio/ago 2021. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/download/1921/1860/8601>. Último acesso em: 20 nov 2023.

CAMPOS, Laís Rodrigues; RODRIGUES, Julian Islan Martins. A territorialidade do sagrado como estratégia de resistência camponesa na Amazônia brasileira. **GEOGRAFIA**. Rio Claro v. 46, n. 1. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/15553/12174>. Último acesso em: 28 set 2023.

CASA LUZ DE YORUMÁ TERREIRO DA CABOCLA JUPIARA. [on line]. Disponível em: <https://www.luzdeyorima.com/>. Último acesso em: 20 out 2023.

CENTRO ESPÍRITA ASSISTENCIAL NOSSA SENHORA DA GLÓRIA – CEANSG. [on line]. Disponível em: <https://www.ceansg.org.br/>. Último acesso em: 19 out 2023.

CENTRO ESPÍRITA PAI JOAQUIM DE ARUANDA [on line]. Disponível em: <https://centropaijoaquim.com.br/>. Último acesso em 16 nov 2023.

COHN, Clarice. **Culturas em transformação: os índios e a civilização.** [on line]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/MWWF97DDGP3bLHxyFd6dqxn/#>. Último acesso em: 12 jul 2023.

DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais Brasília-DF. **População indígena: um primeiro olhar sobre o fenômeno do índio urbano na Área Metropolitana de Brasília.** 2015. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Popula%C3%A7%C3%A3o-ind%C3%ADgena-Um-primeiro-olhar-sobre-o-fen%C3%B4meno-do-%C3%8Dndio-urbano-na-%C3%81rea-Metropolitana-de-Bras%C3%ADlia.pdf>. Último acesso em: 21 nov 2023.

_____. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais Brasília-DF. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio – PDAD, Plano Piloto, 2021.** Disponível em: https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Plano_Piloto-2021.pdf. Último acesso em: 21 nov 2023.

_____. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Habitação – SEDUH. **Manual de utilização: Geoportal.** [on line]. Disponível em: <https://www.geoportal.seduh.df.gov.br/geoportal/widgets/HomeMenu/pdf/manual.pdf>. Último acesso em: 30 nov 2023.

FERREIRA, Cleison Leite. A Geografia do maracatu-nação de Pernambuco: representações espaciais e deslocamento de elementos no Brasil e no mundo. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília. 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23109/1/2016_CleisonLeiteFerreira.pdf. Último acesso em: 20 nov 2023.

FERREIRA, Geisiane Cordeiro. Mosaico de azulejos a partir de grafismos africanos: formação, currículo e cultura através do Pibid. **I Encontro Internacional de Cultura, linguagens e tecnologia do Recôncavo.** Santo Amaro. 2017. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trabalho apresentado no GT1 - Diálogos interdisciplinares: formação, currículo e cultura. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/cecult/images/caderno-resumos-I-enicecult.pdf>. Último acesso em 23 out 2023.

FERREIRA, Rafael. **Como Brasília se tornou também a 'capital mística' do Brasil.** [on line]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43411162>. Último acesso em: 10 set 2023.

FUINI, Lucas Labigalini. O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 21 (2017), n.1, p. 19-29. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/22589/pdf>. Último acesso em: 10 fev 2024.

GURAN Milton. Sobre o longo percurso da matriz africana pelo seu reconhecimento patrimonial como uma condição para a plena cidadania. **Revista do Patrimônio Histórico e**

Artístico Nacional nº 35 / 2017- Iphan 1937–2017. (Org.) Andrey Rosenthal Schlee. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat_35.pdf. Último acesso em: 20 nov 2023.

HAESBAERT Rogério. **Território(s) numa perspectiva latino-americana.** Journal of Latin American Geography, Volume 19, Number 1, January 2020, pp. 141-151 (Article). Disponível em: <https://www.univale.br/wp-content/uploads/2020/11/Territorios-numa-perspectiva-latino-americana.pdf>. Último acesso em: 11 set 2023.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade.** (Trad.) Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Último acesso em: 20 nov 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN/DISTRITO FEDERAL). **Terreiros do Distrito Federal e entorno:** Inventário Nacional de Referências. (Coord.) George Bessoni, Rodrigo Ramassote e Marcelo Reis. Brasília, DF: Iphan-DF, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventario_entorno.pdf. Último acesso em: 10 set 2023.

INVENTÁRIO DOS TERREIROS DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO – 1ª FASE. (Coord.) George Bessoni e Rodrigo Ramassote. Brasília, DF: Superintendência do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN/Distrito Federal), 2009. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventario_dos_terreiros_do_df_e_entorno.pdf. Último acesso em 16 out 2023.

LARA, Ricardo; DIOGO, Pablo Ramon. A herança escravista de longa duração na formação do mercado de trabalho no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 145, p. 72-90, set./dez. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/qPsw9fGzNmyr4Csk8YVR4Sp/?format=pdf&lang=pt>. Último acesso em 15 dez. 2023.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/287028/mod_resource/content/1/Laville%2C%20Christian%20%20Dionne%2C%20Jean_A%20Construcao%20do%20Saber%20%28completo%29.pdf. Último acesso em: 22 set. 2023.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil:** questões conceituais e normativas. Florianópolis: NUER/UFSC, 2000. (Cadernos Textos e Debates, n. 7). Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354 Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf. Último acesso em 10 set 2023.

MAIA, Doralice Sátyro. A geografia e o estudo dos costumes e das tradições. **Terra Livre**, n. 16. São Paulo, 2001; Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/350/332>. Último acesso em: 04 out 2023.

MOTA, Raimundo Jerusalém Marques. **As expressões de religiosidade de matriz africana e comunicação: um estudo do acervo online do jornal *Correio Braziliense* e a gestão da comunicação nas organizações religiosas de Matriz Africana em Brasília.** (Monografia/Especialização). Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Brasília. 2018.

NASCIMENTO, Taiane Flôres do; COSTA, Benhur Pinós da. O terreiro de religiões de matriz africana como espaço marginal e possível à vivência de pessoas travestis. (Tese Doutorado). Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. **Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 25-36, jul-dez, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6431/4991>. Último acesso em: 05 out 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais.** 2005. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/Images/0015/001502/150224POR.pdf>. Último acesso em: 12 jul 2023.

PACHECO, Matías Enrique Carranza. **Os limites da gentrificação na vila planalto.** (Dissertação-Mestrado) Universidade de Brasília. 2015. Disponível em: https://www.fredericodeholanda.com.br/orientacoes/mestrado/2015_OcaranzaPachecoMatias_Enrique_os_limites_da_gentrificacao_na_vila_planalto.pdf. Último acesso em: 09 dez 2023.

PEREIRA, Iara Umbelino. **Análise da Identidade Cultural de Brasília: propostas para um turismo cultural.** (Monografia) Apresentada ao Centro Universitário de Brasília, a título de Graduação em Turismo. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7242/1/20322049.pdf>. Último acesso em: 22 jun 2023.

PORTAL GEOGRACIA. **Rafael Sanzio dos Anjos: Precisamos valorizar a Geografia afro-brasileira.** [on line]. Disponível em: <https://geocracia.com/precisamos-valorizar-a-geografia-afrobrasileira/>. Último acesso em: 12 jul 2023.

QUEIROZ, Eduardo Pessoa de. **A formação histórica da região do Distrito Federal e entorno:** dos municípios-gênese à presente configuração territorial (Tese) Instituto de Ciências Humanas: Departamento de Geografia: UnB, 2007. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/2354>. Último acesso em: 25 set 2023.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** (Trad) Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática 1993. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/CLAUDE%20RAFFESTIN/RAFFESTIN,%20Claude%20-%20Por%20uma%20Geografia%20do%20Poder\(3\).pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/CLAUDE%20RAFFESTIN/RAFFESTIN,%20Claude%20-%20Por%20uma%20Geografia%20do%20Poder(3).pdf). Último acesso: 20 set 2023.

RATTS, Alex. A questão étnica e/ou racial no espaço: a diferença no território e a geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 104, jul.-dez. 2020. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/2134/1624>. Último acesso em: 28 set 2023.

ROHDE, Bruno Faria. **A umbanda tem fundamento, e é preciso preparar: abertura e movimento no universo umbandista**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8977/1/Bruno%20Faria%20Rohde.pdf>. Último acesso em: 21 nov 2023.

_____. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. **Revista de Estudos da Religião**. Março/2009. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Último acesso em: 21 nov 2023.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. História da ciência: a ciência moderna. 2. V. 3 ed. Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/1020-Historia_da_Ciencia_-_Vol.II_Tomo_I_-_A_Ciencia_Moderna.pdf. Último acesso em: 03 dez 2023.

ROSENDAHL, Z. **Espaço, o sagrado e o profano**. In: Uma procissão na geografia (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 77-92. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/wy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015-05.pdf>. Último acesso em 02 out 2023.

_____. Geografia da religião: uma proposição temática. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. São Paulo, N° 11, pp. 9-19, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123638/119853>. Último acesso em: 28 set 2023.

_____. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002

SANTANA, Bruno Moreira França. **A Identidade Cultural de Brasília**. (TCC) Apresentado a Universidade Católica de Brasília, a título de Graduação em Jornalismo. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/123456789/8015/1/BrunoMoreiraFran%c3%a7aSantanaTCCGRADUACAO2016.pdf>. Último acesso em: 22 jun 2023.

SANTOS, Edson Kretle dos. Os aspectos irracionais do sagrado em rudolf otto. **XII Simpósio Internacional Filosófico e Teológico da FAJE**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: https://www.faje.edu.br/simposio2016/arquivos/comunicacoes/nao_doutores/Edson%20Kretle%20dos%20Santos.pdf. Último acesso em: 16 nov 2023.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5350058/mod_resource/content/1/texto3B_msantos_1988.pdf. Último acesso em: 10 set 2023.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record. 2008.

SANTOS, Rafael Derois. Passagens na Religião: estudo antropológico do panorama **politeísta das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. (Dissertação Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/96156/000915612.pdf?sequence=1&isAllowed=>

y. Último acesso em: 16 nov 2023.

SILVA, Filipe Dias dos Santos. **Preparar, rezar e sambar a reza de Brejões-BA sob a perspectiva da etnocenologia.** (Dissertação) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23647/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20FILIPE%20DIAS%20-%20Preparar%20Rezar%20e%20Sambar%20-%20A%20Reza%20de%20Brej%C3%B5es-BA%20sob%20a%20perspectiva%20da%20etnocenologia%20-%20ALTERA%C3%87%C3%95ES%20P%C3%93S%20DEFESA%20-%20VERS%C3%83O%20PARA%20IMPRESS%C3%83O.pdf>. Último acesso em: 01 dez 2023.

SIMÕES, Luciano. Me Conta universidade livre do médio Rio das Contas: cultura, participação e desenvolvimento. **I Encontro Internacional de Cultura, linguagens e tecnologia do Recôncavo.** Santo Amaro. 2017. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Disponível em: <https://ufrb.edu.br/cecult/images/caderno-resumos-I-enicecult.pdf>. Último acesso em 23 out 2023.

SOUSA, Vânia Maria Carvalho. Identidade e pluralidade: uma sacerdotisa afro-brasileira, negra e mulher. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 03, Ed. 12, Vol. 04, pp. 85-108, dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/identidade-e-pluralidade>. Último acesso em: 13 out 2023.

TENDA DE UMBANDA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – TUNGRA [on line]. Disponível em: <https://tungracas.wordpress.com/>. Último acesso em: 10 nov 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

VERDUGO, Marcos. Os modos de conhecimento negro-africanos: propostas teóricas de novas epistemologias decoloniais. **I Encontro Internacional de Cultura, linguagens e tecnologia do Recôncavo.** Santo Amaro. 2017. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Trabalho apresentado no GT4 - Diálogos Interdisciplinares: epistemologias do sul. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/cecult/images/caderno-resumos-I-enicecult.pdf>. Último acesso em 23 out 2023.